MUSEU CAMONEANO

COORDENADO

POR

JOSÉ CARNEIRO DE MELLO E LINDORPHOO BETTENCOURT

Contendo um elogio e uma collecção de poesias de varios poetas antigos e modernos, tudo allusivo ao insigne poeta

LUIZ DE CAMÕES

COM O FIM DE COMMEMORAR O TRICENTENARIO

DO

AUTHOR DOS LUSIADAS

PORTO
TYPOGRAPHIA NACIONAL
Rua de Santa Thereza, 18
1880

MUSEU CAMONEANO

COORDENADO

POR

JOSÉ CARNEIRO DE MELLO E LINDORPHOO BETTENCOURT

Contendo um elogio e uma collecção de poesias de varios poetas antigos e modernos, tudo allusivo ao insigne poeta

LUIZ DE CAMÕES

COM O FIM DE COMMEMORAR O TRICENTENARIO

DO

AUTHOR DOS LUSIADAS

PORTO
TYPOGRAPHIA NACIONAL
Rua de Santa Thereza, 18
1880

A QUEM LER

Portugal presta hoje a devida homenagem a Luiz de Camões, ao cantor sublime das glorias lusitanas, commemorando o seu terceiro centenario.

O dia 10 de junho de 1880 deve ficar indelevelmente gravado na memoria de todos os portuguezes como um dia de jubilo e de festa nacional.

O Porto, a cidade invicta, não olvidando o immortal poeta, tambem toma uma grande parte nas festas ruidosas e

esplendidas que se lhe preparam presentemente, e apregoará por bem longe, pelas cem tubas da fama, os hymnos festivos e mais demonstrações de regosijo publico que se consagram a perpetuar a memoria do nosso grande epico.

Festas na verdade grandiosas e soberbas todas em honra do poeta e do soldado. Do poeta, porque tinha a *mente ás musas dada;* do soldado, porque tinha o *braço ás armas feito.*

Justa é, pois, a homenagem que hoje o Porto lhe tributa, porque o insigne vate, em um dos cantos do seu immortal poema chamou a esta terra — leal cidade.

«Lá na leal cidade, d'onde teve
«Origem, como é fama, o nome eterno
«De Portugal........................»

E *nós,* para abrilhantar, se não de um modo solemne as festas da occasião, pelo menos tomando uma pequena parte n'ellas, deliberamos reunir, com a devida venia, em um pequeno volume algumas

producções poeticas, allusivas a Camões, feitas por varios authores antigos e modernos, e dal-as de novo á luz da publicidade como um ramilhete colhido no jardim da poesia.

Posto isto, não é ocioso dizer que o nosso intento foi, como tantos outros, concorrer para o fim festivo de tornar bem solemne e sempre memorado o tricentenario do eminente author dos Lusiadas.

Porto, 10 de junho de 1880.

Os AUTHORES.

MUSEU CAMONEANO

Elogio do insigne Luiz de Camões, principe dos poetas portuguezes, recitado por um alumno do professor e padre Jeronymo Emiliano d'Andrade, e publicado em Angra do Heroismo, no anno de 1852.

Elogiar o immortal, o insigne Luiz de Camões, o mais memoravel, e sublime dos poetas portuguezes, é uma empreza tão ardua, e difficil que o suavissimo Diogo Bernardes n'um soneto, dedicado á memoria d'este grande poeta não duvida explicar-se d'esta maneira:

Quem louvará Camões, que elle não seja?
Quem não vê que em vão cança engenho, e arte?
Elle só a si se louva em toda a parte,
E só elle a toda a parte enche d'inveja.

Nascido em Lisboa em 1524 apenas começa a carreira de seus primeiros annos parece que Apollo entrega logo em suas mãos a lyra d'ouro, com que havia cantar o peito illustre lusitano, e eleval-o até ao templo da gloria e da immortalidade. Em Coimbra passa os seus estudos, e ali mesmo começaram a apparecer os encantadores effeitos d'aquelle som alto, e sublimado, d'aquelle estylo grandiloco, e corrente, d'aquella furia grande, e sonorosa, que tanto immortalisou seus escriptos. Marte invejoso o rouba ás doçuras do Parnazo e o leva até Ceuta, para na qualidade de soldado dar igualmente provas do seu bellico valor, animosidade e valentia. N'esta expedição o poeta deixa a lyra; e tomando a espada, corre na estrada gloriosa aonde os guerreiros encontram a fama, a honra, e os tropheus. Como Annibal perde um dos olhos no meio do combate, e para que não perdesse o segundo, ficando inteiramente inhabilitado para seus illustres exercicios poeticos, as Musas cuidadosas o vem salvar de tantos perigos e o conduzem até ás Indias Orientaes, onde o illustre Gama, com os de mais heroes portuguezes já tinham posto em assombro a Europa, descobrindo novas terras, novos climas, e novos mares, nunca d'antes navegados. N'este theatro dos heroismos lusitanos, é que o nosso heroe se vai entregar a suas doces inspirações, e aperfeiçoar e completar os seus Lusiadas, esse immortal

poema, que tem honrado os portuguezes, immortalisado os seus heroes, e coroado de verdes louros o mesmo poeta que os tem cantado. Se Portugal como a Grecia possuia Achilles fortes e guerreiros que punham toda a terra em espanto por suas obras valorosas, a providencia lhe administra um novo Homero, capaz de mandar seus altos feitos até os ultimos confins dos tempos, e das idades. Se para honrar a patria, e pol-a em parelhas com Athènas, e Roma, só era preciso um poema, em tudo igual á Iliada, e á Eneada, Camões lhe offerece o seu immortal Lusiada e faz com que os portuguezes nada tenham que invejar ás musas estrangeiras.

Ah! E que poderei dizer d'esta obra portentosa, que tem formado as delicias de todos os sabios, tanto naturaes, como dos paizes mais romotos? Quem poderá fazer uma enumeração de todas as suas bellezas? Que sublimidade em seus pensamentos? Que descripções tão justas, e exactas? De que brilhantes caracteres não reveste suas differentes personagens? Com que grandeza Jupiter se não apresenta no Olympo vibrando os feros raios de Vulcano?

N'um assento d'estrellas chrystalino,
Com gesto alto, severo, e soberano?

Com que colera se não descreve ali Marte diante do mesmo Jupiter, armado, forte, e duro.

E dando uma pancada penetrante
Com o conto do bastão no Solio puro,
Que o Ceo tremeu, e Apollo, de turvado
Um pouco a luz perdeu, como infiado?

Com que efficacia a bella Deosa de Cythera se não interéssa a favor dos portuguezes, advogando sua causa perante o celeste Padre, quando

.... De mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes
Como c'o orvalho fica a fresca rosa?

Quanto não é maravilhosa a fabula de Adamastor, mostrando-se no ar em figura horrenda e valida

De desforme, e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos?

Que horrorosa não é a tormenta marítima, em que os navios do Gama

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora ver parece, que desciam
Ás intimas entranhas do profundo!

Com que bellezas se não descreve a figura de Tritão, o Deos maritimo, mancebo grande, negro, e feio, trombeta de seu pai, e seu correio? Seria prolixo, se agora quizesse individuar todas as bellezas, que os eruditos tem notado n'este immortal poema dos portuguezes. Murmurem muito embora criticos mordazes, e invejosos da gloria do illustre Camões, os pequenos defeitos que se apresentam em suas obras, jámais, segundo a sentença do antigo Horacio, poderão obscurecer as infinitas bellezas, que em todo este immortal poema resplandecem:

Ubi plura nitent in carmine, non ego paucis
Offendar maculis, quas aut incuria fudit,
Aut humana parum cavit natura.

N'este poema divino não só Camões fez sublime, harmoniosa, e suave a linguagem dos portuguezes, mostrando, que ella em nada desmerecia a dos Homeros, e dos Virgilios; mas ainda com os seus versos levantou um eterno padrão a todos os heroes da Lusitania. Já que Portugal por muitas vezes foi ingrato, e cruel para com os filhos que mais trabalharam na sua gloria, bem como Roma o foi com Catão não lhe levantando estatua no Senado, Camões com sua lyra lhes erigiu munumento mais duravel que o bronze, e marmore e a si mesmo se vingou

da ingratidão, e opprobrio com que pelos seus mesmos contemporaneos foi tratado. Ah! E quem tal poderia imaginar? A patria lhe foi cruel, e elle mesmo assim se queixa no setimo Canto dos seus Lusiadas.

A fortuna me traz peregrinando
Novos trabalhos vendo, e novos damnos:
Agora com pobreza aborrecida,
Por hospicios alheios degradado;
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca, derribado;
A troco dos descanços que esperava,
De capellas de louro, que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

Desterrado de Goa para a China, seu poema, e seus trabalhos poeticos se teriam perdido em um naufragio, se elle, como Cesar em iguaes circumstancias, se não revestisse d'animo para se salvar a nado remando com um braço, e com outro sustendo acima das ondas seus escriptos preciosos. Restituido á patria ali vive quasi desconhecido, e acaba seus dias na indigencia, reduzido a um leito de dor, e miseria; sem achar recurso algum em seus extremos males, senão na caridade d'um escravo, que de porta em porta lhe andava mendigando o sustento. Tal é pois muitas vezes a sorte dos homens grandes,

e que mais tem sobresahido acima dos outros homens! A fortuna se vinga em fazel-os infelizes, já que a natureza com os seus dons os tem elevado acima da humanidade. Porém por mais féra, e crua, que se torne a fortuna contra os homens de genio, ella jámais os levará inteiros á sepultura. Restarão sempre suas obras, e ellas o coroarão d'immortalidade. Assim aconteceu com o grande Camões, e assim o testefica o mesmo Diogo Bernardes na Peça poetica, de cujos versos me servi no principio d'este Elogio.

Honrou a patria em tudo: imiga sorte
A fez com elle só ser encolhida
Em premio de estender d'ella a memoria.

Mas se lhe foi fortuna escaça em vida.
Não lhe pode tirar depois da morte
Um rico amparo de sua fama, e gloria!

A CAMÕES.

ODE

Fond, impious man! thin K'st thou yon sanguine cloud
Rais' d by thy breath, has quench' d the orb of Day?
To morrow he repairs the golden flood,
And warms the Nations with redou bled ray.

Gray. Od. 6. Ep. 3.

Impio, nescio mortal! pensas que a nuvem
Sanguinea, que respiras
Do dia apague o Orbe?
A manhã, reparando as aureas ondas,
Abrilhanta as Nações com luz dobrada.

Serás lido, Camões, em quanto o Luso
Livre aos ares erguer a heroica frente;
Em quanto os nossos campos
Bacho, e Ceres adite, e Flora enfeite:
Em quanto, revolvendo
Auri-nitidas ondas, leve o Tejo
Mais guerra, que tributo ao Rei dos Mares.

Pinceis, Buris, e Marmores, e Bronzes,
Embora eternizar a gloria intentem
D'esses Grandes, que o Mundo
Mal diz genuflectindo! a mão do Tempo
Faz a um ligeiro toque
Derrubados cahir, rodar no Olvido
Monumentos, Piramides, e Bustos. (1)

Assim pelos desertos forra o musgo
Do impio Tyranno o Mansoleo pomposo,
Que inerte pó cobrira!
Mas do Sabio, e do Vate enflora a urna
Justa posteridade;
E a patria saudosa vê seu nome
Reflorecer co' a morbida verdura!

Tal refloreces tu! de Phebo ao lado
Inda embocas erisona trombeta,
Que, retinindo ao longe,
O peito accende, e a côr-ao gesto muda;
Inda avidos Alumnos
Bebem lições preciosas no teu Canto,
Cujo brado aos dois Orbes se destende.

(1) The cloud-capt Towers, the gorgeou, Palaces,
The solemn Temples, the great glob it self,
Yea, ali whic it inherit, shall dissolve,
And like the baseless fabric of a vision,
Leave not a wreck behind.
Shakespeare.

Promptos co'a vista em fito elles não podem
Seguir-te por luz fluida navegando
A espaços sem medida!...
Quando da Guerra alardeando as Scenas
Mostras o immortal Nuno,
Que pelo Rei, e a Patria arranca a espada
Ameaçando a terra, o Mar, e o Mundo!

Aqui féra batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas,
E de Magriço aos golpes,
Cáe a soberba Ingleza do seu throno!
Quem tinge em sangue as armas!...
Quem co'cavallo em terra dando, geme!...
Quem c'os penachos do elmo açoita as ancas!

Quando Neptuno sobornado ordéna,
Que desenclaustre Hypotades soberbo
Os ventos, que dormiam
Pelas covas escuras peregrinas,
Quem ha ahi, que não trema
Vendo as náos em tormenta, o mar roucando,
E os raios, em que o Polo todo ardia? (1)

(1) Camões est le Virgils Portugais admirable dans l'art de peindro les objets phantastiques.

Bailles.

Não vai mais doce desdobrando as ondas
Remanso sem rumor como os do Lethes,
Que de Ignez os queixumes
Ante o Rei já movido á piedade.
Ignez, de quem saudosas
As Filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram.

D'onde houveste o pincel, com que traçaste
O véo de rôxos lirios pouco avaro,
Que a Venus cinge a fórma,
Porém nem tudo encobre, nem descobre!
O sorrir lacrimoso, (1)
E nas columnas morbidas trepando
Desejos, que como hera se enrolavam?

Compungem-se os rochedos quando a Affonso
Soccorro implora a candida Maria
Contra a chusma Africana,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto!...
Quando em ais suffocada
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co'orvalho fica a fresca rosa!

(1) Δαηρυεν γελασασα
Hom. Iliad. l. 6.

Para colher de Lysia os Navegantes,
Que tanto mar, e terras tem passado,
Eis brota um novo Elysio!...
Mil arroios sossurram! embalsamam
O ar milhões de flores!...
Mil varios animaes nos prados giram,
E mil aves descantam sobre os ramos!...

Os dões, que da Pomona, ali Natura
Produze, differentes nos sabores;
Ali limões viçosos
Estão virgineas tetas imitando;
A purpurea cereja
Co'a larangeira lustra, e o Persio pomo
Melhor tornado no terreno alheio!

Mas prodigio maior, ficção mais rica,
Tudo teu! tudo assombro eis chofra aos olhos! (1)
De procellosa noite
Horror dobrado a horror, lá ergue a fronte
Adamastor terrivel!...
Solta funesto agoiro, e lida em balde
Para o Gama torcer da heroica empreza!

(1) La descripcion du Geant Adamastor, le Gardien du Cap des Tourments est une peinture des plus Poetiques, que l'imagination puisse se former, l'idée en est touchée avec une force, qui saisit, et eleve l'Esprit.
Mr. du Carlengas.

De nobre emulação n'alma pungidos
Os Numens da Epopeia, que te ouviam
Em pasmoso silencio
Rompem o applauso aqui, cedem-te a Laurea;
Discordes não decidem
Qual tem preço maior, mais jus á Fama
No quadro original, desenho, ou côres.

Mas torpe inveja ao merito não deixa
Saborear em paz da gloria o Nectar!...
Onde ha mais luzimento
Mais se envipera; a tudo inverte o nome (1),
Os vivos atassalha;
Mortos não poupa; tumulos profana;
As urnas despedaça, e cresta os louros.

Seus ultrajes sentiu de Smyrna o vate (2)
De Sulmona o Cantor (3) de Mantua o Bardo (4),
Que, no Jardim das Musas,
Como um Cedro no Libano se eleva!
Nem tu proprio lhe escapas
Oh Camões immortal! oh gloria Lusa;
Posto Divino em metro, em voz Divino!

(1) Ella que acceita a empreza contra vivos,
Por mais se enviperar em sanha nova,
Nestes da culpa espiritos captivos
De tormentos crueis faz dura prova.
Mouzinho. Aff. Afric. Can. 1.

(2) Homero.
(3) Ovidio.
(4) Virgilio.

Eu vejo levantar da fanje impura
Da ignorancia, e do crime, em que rojara,
Negro Zoilo, que intenta
Teu nome denegrir, e entrar na arêa
Onde unico triunfaste!... (1)
Côrvo quer revestir do Cisne a alvura!
Ganço quer emular d'Aguia o remonte!

Mas justa lei de imparcial censura
Ás mãos da Zombaria em pena o deixa
Que, azindo-lhe da grenha (2),
Tres vezes o voltea em giro á fronte,
E atordoado o arroja
Ao somnolento rio, onde, de chofre,
Cahindo, vai qual chumbo ao fundo, e fica.

Tal Salmoneo rodando em bronzea ponte,
E o faxo sacudindo, do potente
Therpicheraunio Jove (3)

(1) Lustravitque fuga mediam Glaudiator arenam.
Juven. Sat. 2.

(2) Paris ajoelhou, a que o valente
Menelao corre, e azindo-o da cellada,
Arrastrando o levava, onde o fim dera,
Se Venus, que isto viu lhe não valêra,
Gabriel. Pert, de Castro.

(3) Fulmine gaudens,
Homero.

Relampago, e trovão contrafazia;
Mas irritado o Numen
O não fingido raio assesta ao impio (1),
E com ponte, e quadriga em cinza o funde!

De José Maria da Costa e Silva.
Elpino Tagidio.

ODE (2)

. . . . Nil sine magno
Vita labore dedit mortalibus.
Horat. Satyr. 9. lib. 12.

Dá demão á perguiça lisongeira,
Lança-a ao longe de ti; que não se alcançam
Os segredos das Musas em fadigas,
Sem indefezo estudo.

(1) Quatuor hic invectus Equis, et Lampada quassans.
Per Graium Populos, mediæque per Elidis urbem
Ibat ovans, Divumque sibi poscebat honores.
De mens! qui nimbos, et non imitabile fulmen
Œre, et cornipedum cursu simulabat Equorum.
Ac Pater Omnipotens; densa inter nubila telum
Contorsit (non ile faces, nec fumea tædis)
Lumina (præcipitemque inmani turbine adegit.
Virgilio Eneid. Liv. 6.

(2) Ao Snr. Ag. Routiez, que traduzia Camões.

Olha-as no cimo d'ingremes montanhas;
Applicadas ás artes engenhosas;
E em torno em seus assentos merecidos
Os cuidadosos Vates.
Olha a rama viváz, que a frente cinge
De Camões sublimado, e sonoroso:
Vê como o Adamastor desmesurado
Para elle se debruça;
E ao largo da alta espadua lhe dá mostra
Do honrado Cavalleiro, e gentil Dama,
Que viu morrer de fome os filhos caros;
Nas ardentes areias
Lá junto áquella fonte dos Amores
Olha as Nynfas do Mundo; inda orvalhadas
As faces tem das lagrimas sentida,
Que por Ignez verteram.
Não o ouves tu na Lyra resonante
Cantar do Gama os improbos trabalhos,
Que as portas da Asia, superando riscos,
Se abriu ousado, e forte?
Lá vai surcando os mares do oriente
No nadante baixel empavezado,
Tremóla as Quinas Lusas vencedoras
Junto aos berços da Aurora.
Cheio o peito de incognitos segredos,
Eis solta as vélas, fita em Lysia os olhos,
Os olhos satisfeitos, com que vira
As Indicas Neréas!
Esperado da bella protectora,
E das Nynfas, que Amor feridas tinha,

Os Amores lhe acenam; e os prazeres
Lhe estão abrindo os braços.
A virtude ergue o premio refulgente
Além de longas métas arriscadas;
Pede affrontados medos, pede p'rigos,
Aos que a arrancal-o correm;
Mas logo que vencidas as fadigas
Sobrepuja o valor, lá está assomada
A fama, que apregôa merecida
Bem conquistada gloria.
Ouviste o Canto?... Eis c'o a guerreira dextra
Ás escabrosas fragas te convida:
Eis te aponta a vereda inda trilhada
De seus pés resolutos.
«Vem escutar-me, vem (te diz benigno)
«Se da Poesia os penetraes vedados
«Queres envestigar no almo congresso
«Dos immortaes Cantores.
«Rompe com passo ardido a encostadura,
«Esmaga espinhos, desmaranha balças:
«Filinto, a quem fiz certo o meu disignio,
«Te esforçará os passos.»

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

A CAMÕES

Ai do que a sorte assignalou no berço
Inspirado cantor, rei da harmonia!
Ai do que Deus ás gerações envia
Dizendo: vai, padece, é teu fadario,
Como um astro brilhante o mundo o admira,
Mas não vê que essa chamma abrazadora
Que o cerca d'esplendor, tambem devora
Seu peito solitario.

Pairar nos céus em alteroso adejo,
Buscando amor, e vida, e luz, e glorias,
E vêr passar quaes sombras illusorias
Essas imagens de fulgor divino:
Taes são vossos destinos, ó poetas,
Almas de fogo que um vil mundo encerra;
Tal foi, grande Camões, tal foi na terra
Teu misero destino.

A cruz levaste desde o berço á campa:
Esgotaste a amargura até ás fezes:
Parece que a fortuna em seus revezes
Te mediu pelo genio a desventura.
Combateste com ella como o cedro
Que provoca o rancor da tempestade,
Mas cuja inabalavel magestade
Lhe resiste segura.

Foste grande na dôr como na lyra!
Quem soube mais soffrer, quem soffreu tanto?
Um anjo viste de celeste encanto,
E aos pés cahiste da visão querida...
Engano! foi um astro passageiro,
Foi uma flôr de perfumado alento
Que ao longe te sorriu, mas que sedento
Jámais colheste em vida.

Sob a couraça que cingiste ao peito
Do peito ancioso suffocaste a chamma,
E foste ao longe procurar a fama,
Talvez, quem sabe? procurar a morte.
Mas, qual onda que o naufrago arremessa
Sobre inhospita praia sem guarida,
A morte crua te arrojou á vida,
E ás injurias da sorte.

De praia em praia divagando incerto
Tuas desditas ensinaste ao mundo:
A terra, os homens, té o mar profundo
Conspirados achavas em teu damno.
Ave canora em solidão gemendo,
Tiveste o genio por algoz ferino:
Teu talento immortal era divino,
Perdeste em ser humano.

Indicos valles, solidões de Ganges,
E tu, ó gruta de Macau, sombria,
Vós lhe ouvistes as queixas, e a harmonia
D'esses hymnos que o tempo não consome.
Foi lá, foi n'essa rocha solitaria,
Que o vate desterrado e perseguido,
A' patria ingrata, que lhe dera o olvido,
Deu eterno renome.

«Cantemos!» disse, e triumphou da sorte.
«Cantemos!» disse, e recordando glorias,
Sobre o mesmo theatro das victorias,
Bardo guerreiro, levantou seus hymnos.
Os desastres da patria, a sua quéda,
Temendo já no meditar profundo,
Quiz dar-lhe a voz do cysne muribundo
Em seus cantos divinos.

E que sentidos cantos! d'Ignez triste
Se ouve mais triste o derradeiro alento,
Ensinando o que póde o sentimento
Quando um seio que amou d'amores canta;
No brado heroico da guerreira tuba
O valor portuguez sôa tremendo,
E o fero Adamastor com gesto horrendo
Inda hoje o mundo espanta!

Mas ai! a patria não lhe ouvia o canto!
Da patria e do cantor findava a sorte:
Aos dous juraram perdição e morte,
E os dous juntaram na mansão funerea...
Ingratos! ao que alçando a voz do genio
Além dos astros nos erguera um solio,
Decretaram por louro e capitolio
O leito da miseria!

Ninguem o pranto lhe enxugou piedoso...
Valeu-lhe o seu escravo, o seu amigo:
«Dae esmola a Camões, dae-lhe um abrigo!»
Dizia o triste a mendigar confuso!
Homero, Ovidio, Tasso, estranhos cysnes,
Vós que sorveste do infortunio a taça,
Vinde depôr as c'rôas da desgraça
Aos pés do cysne luso!

Mas não tardava o derradeiro instante...
O raio ardente que fulmina a rocha,
Tambem a flôr que n'ella desabrocha,
Cresta, passando, co'as ethereas lavas:
Que scena! em quanto ao longe a patria exangue
Aos alfanges mouriscos dava o peito,
De misero hospital n'um pobre leito,
Camões, tu expiravas!

Oh! quem me dera d'esse leito á beira
Sondar teu grande espirito n'essa hora,
Por saber, quando a mágua nos devora,
Que dôr póde conter um peito humano;
Palpar teu seio, e n'esse estreito espaço
Sentir a immensidade do tormento,
Combatendo-te n'alma, como o vento
Nas ondas do oceano!

O amor da patria, a ingratidão dos homens,
Natercia, a gloria, as illusões passadas,
Entre as sombras da morte, debuxadas
Em teu pallido rosto já pendido;
E a patria, oh! e a patria que exaltáras
N'essas canções d'inspiração profunda,
Exhalando comtigo moribunda
Seu ultimo gemido!

Expirou! como o nauta destemido,
Vendo a procella que o navio alaga,
E ouvindo em roda no bramir da vaga
D'horrenda morte o funeral presagio,
Aos entes corre que adorou na vida,
Em seguro baixel os põe a nado,
E esquecido de si morre abraçado
Aos restos do naufragio:

Assim, da patria que baixava á tumba,
Em cantos immortaes salvando a gloria,
E entregando-a dos tempos á memoria,
Como um gigante pedestal segura:
«Patria querida morreremos juntos!»
Murmurou em accento funerario,
E envolvido da patria no sudario
Baixou á sepultura.

Quebrando a louza do feral jazigo,
Portugal resurgiu, vingando a affronta,
E inda hoje ao mundo sua gloria aponta
Dos cantos de Camões no eterno brado;
Mas do vate immortal as frias cinzas
Esquecidas deixou na sepultura,
E o estrangeiro que passa em vão procura
Seu tumulo ignorado.

Nenhuma pedra ou inscripção ligeira
Recórda o grão cantor... porém calemos!
Silencio! do immortal não profanemos
Com tributos mortaes a alta memoria.
Camões, grande Camões, foste poeta!
Eu sei que tua sombra nos perdôa:
Que valem mausoléus ante a corôa?
De tua eterna gloria?

A. A. Soares de Passos.

CAMÕES E GARRETT

SONETO

..............................o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda.

POEMA CAMÕES, IN FINE.

Cantor do grão Camões, do rei dos vates,
Que o mundo encheu, de gloria Lusitana;
Que impavido arrostou a furia insana
D'homens, e mar, e terra, em mil combates;

Ternissimo cantor, não mais delates
Ao mundo a ingratidão vil, deshumana,
Qua as memorias da Lysia offosca, empana
De seu brilho fraudando aureos quilates.

Cesse de teu queixume o agro lamento,
Que já da gloria obteve (embora tarda)
O vate heroe, perenne monumento.

Já fama eterna ao Lettes o resguarda,
Que teus divinos versos são *«o moimento,*
Que do immortal cantor as cinzas guarda».

MANOEL FULGENCIO GOMES — *Lobrigos.*

CAMÕES E A PATRIA

«Peregrino, se bem vindo!
«Quem teus passos encaminha?
«A saudade, linda virgem,
«Saudade da patria minha!

«D'onde vens?»—«De longes terras.»
«Tua familia?» — «Morreu.»
E uma lagrima ao romeiro
Dos olhos se desprendeu.

«Triste sorte a do proscripto
«A vagar em terra estranha!...
«E dentro d'alma a saudade!...
«E que saudade tamanha!

«Mas, diz-me, qual é teu nome?
«Sou Camões!» —disse a gemer,
«E que procuras agora?
«Um abrigo para morrer!

«Achaste-o pois, bardo luso!
«Vem abraçarte comigo!
«Vem que juntos morremos,
«Que a patria morre comtigo!»

Augusto Emilio Zaluar.

CANTO DE JÁU.

Nasci no rico Oriente:
Creei-me entre verdes palmas,
Por amor.
Amor me poz no Occidente:
Fez-me d'alma duas almas,
Para a dor.

Ai dôr! Pois heis de ir a Java,
Estrellas, e vosso rumo
De lá vem,
Dizei-lhe qual eu me consumo;
Dizei-me se lhe eu lembrava
Lá tambem.

Tambem vós, ondas e ventos,
Pois sabeis a minha terra,
Lá chegai;
Não lhe conteis meus tormentos,
Mas o amor, que me desterra,
Lhe contai.

Contai-lhe que preso vivo,
Mas que eu mesmo apérto e bejo
Meus grilhões:
Nem livres, nem reis invejo,
Pois o captivo é captivo
De Camões.

Camões, grande Allah te acuda,
Que vem vês que teu bom Christo
Morto é já!
Grande Allah, tu só o escuda,
Dá-lhe patria, arranca-o d'isto,
Grande Allah!

Allah poz arvore em Java,
Que a florida sombra d'ella
Faz morrer:
Cá vi peor mancinella,
Pois vi que mil mortes dava
O saber.

Saber, esforço e virtude,
Bastam em terra madrasta
Para mal:
Bem como, porque se mude
O incenso em cinzas, lhe basta
Ser tal.

Tal patria não quer afferro;
Antes choral'a da gruta
De Macau!
Antes na Arabia mais bruta,
Curtir miseria o desterro
C'o teu Jau.

Antonio Feliciano de Castilho.

CAMÕES NO HOSPITAL

Depois de ter meus versos dedicados
Ás nymphas do meu Tejo tão formoso,
Levou-me o patrio amor ao arenoso
Clima adusto, que habita o mouro ousado.

O reino vi depois tão celebrado
Dos lusos pelo braço glorioso;
E n'esse de Macau rochedo umbroso
Soltei meu canto ardente e sublimado.

Cantei em meigo tom ternos amores; (1)
Em tom marcial a lusa historia; (2)
Da sorte, em tom mais triste, os desfavores. (3)

De tudo só me restas, ó memoria!
N'este leito perdi, ganhando dores,
Esperança, amor, amigos, patria e gloria.

P.e Antonio de Macedo e Silva.

(1) Eglogas.
(2) Lusiadas.
(3) Elegias.

SONETO

CAMÕES E A PATRIA

Por ti patria, provei duros tormentos;
Por ti amor soffri baldões do fado;
Em Ceuta vi meu sangue derramado,
Em furia vi no mar os soltos ventos.

Nos desertos ouvi tigres sedentos,
Soffri prisões crueis, sem ser culpado;
Nas plagas de Macau fui desterrado,
O calix esgotei dos soffrimentos.

Em alto canto ardente e sonoroso
O nome eternizei da patria amada,
Por ella e por amor gemi saudoso!

E quando ao fim da vida tão cançada,
A Lysia torno ledo e pressuroso,
Achei-me sem amor, sem pão, sem nada!

P.e Antonio de Macedo e Silva.

LUIZ DE CAMÕES

Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno somno:
Mas tu me dás que cumpra, ó gran rainha
Das musas, co'o que quero á nação minha!

CAMÕES.

Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor!
Quem mais dó qu' elle dissera
D'esse fero Adamastor!
Era um astro fulgurante;
Era um poeta gigante;
Tinha mais alma que o Dante
Cantava com mais amor!

No peito, coberto d'aço,
Lhe batia um coração,
Que nem os cantos de Tasso
Sonharam maior paixão!
Era cantor e soldado;
Era um vate enamorado:
Foi um poeta inspirado
Como os d'hoje já não são!

Bem nos cantos se lhe marca
O signal do seu penar;
Nascera como Petrarcha,
Já fadado para amar!
Vêde bem o sentimento,
Com que dá, soltas ao vento,
Queixas mil de seu tormento,
Tristezas do seu trovar!

A sorte fel-o poeta
Das cinzas da pobre Ignez:
O mundo fel-o propheta
Do destino portuguez!
Poeta da desventura,
Previu a sorte futura;
Escreveu com mão segura
A prophecia que fez!

Deus, que deu aos portuguezes
D'além-mar as regiões;
Que nos livrou dos revezes,
Deu-nos o rei das canções.
Fomos o povo escolhido,
O nosso nome temido,
Hoje... só é conhecido
Pelos cantos de Camões!

Foi-se-lhe a vida em desgosto
Ao que a patria assim cantou,
Mais poeta que Ariosto
Que bellezas nos legou!
Pungido de acerbas dôres,
Pelo Tejo seus amores,
Foi o rei dos trovadores,
Foi o cysne que expirou!

Como Ovidio desterrado,
Tristezas canta tambem.
Do seu Tejo enamorado,
Saudades pungil-o vem!
Aos inhospitos palmares
Das terras d'além dos mares,
Canta os vergeis, os pomares,
Que a terra do Castro tem!

Debruçado sobre os cantos,
Da nossa fama padrão,
Lá verte sentidos prantos
Sobre a nossa escravidão.
D'Alcacer dá-se a batalha
Em que um sceptro se esmigalha;
Envolvendo na mortalha
O cantor e a nação!

Que poeta! e que soldado!
Que trovador tão leal!
De todos abandonado
Só achou... um hospital!
Mas a fama portugueza
N'este sec'lo de torpeza,
Só tem por toda a grandeza
A Camões por pedestal!

Ali vivem as victorias,
Já do povo; já do rei;
Ali vingam as memorias
Alcançadas pela lei:
É pharol de nossa fama!
Ali vivem o Castro e o Gama;
Em versos ali proclama
Triumphos da nossa grey!

A Camões, por monumento,
Só resta um livro; não mais:
D'aquelle genio portento
Não temos outros signaes!
Mas que importa se a memoria
Do cantor da nossa gloria,
Alcançou maior victoria,
Nos seus cantos colossaes.

Palmeirim.

Triumpho das armas Portuguezas, deduzido de varios versos do insigne poeta Luiz de Camões, glosados, e reduzidos ao intento por André Rodrigues de Mattos. Dedicado ao excellentissimo Senhor D. Luiz de Sousa e Vasconcellos, conde de Castello-Melhor, escrivão da puridade d'Elrei Nosso Senhor, etc.

Lisboa, com todas as licenças necessarias. Na officina de Antonio Craesbek de Mello. Anno de 1663.

As armas, e os varões assignalados,
Que pelo amor da patria expondo a vida,
Por portuguezes mais, que por soldados
Alcançaram victoria tão subida,
Com versos de outra penna sublimados,
Para que minha Musa seja ouvida,
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

Cessem do sabio Grego, e do Troyano
As acções, que no mundo eternizaram,
Porque hoje do soberbo Castelhano
Maior estatua os nossos derribaram.
Postre-se tudo ao nome lusitano,
A quem tantos despojos se postraram;
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se levanta.

Inclinai por um pouco a Magestade,
Invicto Affonso sexto, sem segundo,
Achareis n'estes versos, ser verdade,
Que o vosso reino é mais, que todo o mundo.
Mandai ler nos annaes da antiga idade,
Se houve imperio de heroes tão fecundo,
E julgareis, qual é mais excellente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas
Victorias escrever imaginadas,
Mas louvores cantar de obras tamanhas,
Que excedem as escriptas, e as pintadas;
Não as ouviram nunca mais estranhas,
Os quė do Arcturo habitam as moradas;
E os que o Austro tem, e as partes, donde
A Aurora nasce, e o claro sol se esconde.

Vereis amor da patria não movido
De se vêr altamente premiado,
Mas tendo só por premio vêr rendido,
Não só o Ibéro, o mundo a vosso Estado;
Vereis n'esta victoria tão temido
O nome portuguez, e celebrado,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Asyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

Promettido lhe está do fado eterno
(E vós o haveis de vêr, que em vós se entende)
Que ha de ter Portugal todo o governo
De quanto o mar salgado comprehende;
Em vão quer destruil-o o mesmo Inferno,
E em vão Castella sem razão o offende,
Que nunca tirará a alheia inveja,
O bem, que outrem merece, e o céu deseja.

O filho de Filippe n'esta parte
De querer conquistar o reino alheio,
Tão natural ao pai, que só por arte
Tratou de impôr aos portuguezes freio,
De uma traição guiado, e não de Marte,
Evora sujeitando sem receio,
Por diante passar determinava,
Mas não lhe succedeu como cuidava.

Oh perfida inimiga, e falsa gente,
Que contra a vossa patria conjurada
Quizestes admittir tão fêamente,
Quem vos deixou na infamia eternizada;
Mas como hão de sentil-a os que sómente
Por vêl-a ao jugo alheio sujeitada,
Negam o rei, e a patria, e se convem
Negaram, como Pedro, o Deus que tem.

Como? Não sois vós inda os descendentes
D'aquelles grandes homens tão famosos,
Que só por se livrar das insolentes
Tyrannias de Ibéros' enganosos,
Leaes ao mesmo passo, que valentes.
Tratáram de romper laços forçosos
Com João rei forte em toda a parte,
Que escurecendo a fama vai de Marte?

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
E quantos reprovou a antiga idade,
Não tendes que temer, que o Castelhano
Achou maior traição n'esta cidade;
E tal que quando ouvi de tanto damno
Averiguado o caso por verdade,
Não fiquei homem não, mas mudo, é quedo,
E junto de um penedo outro penedo.

O céu fere com gritos n'isto a gente,
Quando se viu da nova sabedora,
Equivocando o povo nesciamente
A gente mais leal com a mais traidora:
Já cuidava Lisboa, que igualmente
Querem tornal-a escrava de senhora;
Não teve resistencia, e se a tivera,
Mais damno resistindo recebera.

Não correu muito tempo que a vingança
Não tomassem as armas portuguezas,
Entregando a D. Sancho a governança
Que o merito lhe deu de outras emprezas;
Parte a Evora logo sem tardança,
Levando para obrar altas proezas
A mão na espada irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.

Este sempre as soberbas Castelhanas,
Olhando com desprezo valoroso,
Em acções signalado mais que humanas,
Se havia feito capitão famoso;
Mas agora que ás armas lusitanas
Chegou a dar triumpho tão glorioso,
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor por gloria do vencido.

Açoute do soberbo Castelhano
Ser n'aquelle logar determinava,
Porém não foi ali, que para o Cano
Tão gloriosa acção se destinava;
Providencia maior a tanto damno
O exercito contrario encaminhava,
Que em casos tão estranhos claramente
Mais peleja o favor de Deus, que a gente.

Bem nos mostra a Divina Providencia,
Que nos assiste braço mais que humano,
Pois de tantos milagres a evidencia
Vê por nós claramente o Castelhano;
Da Virgem pura a angelica assistencia.
Em Santarem se viu com desengano,
Tudo o Clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

E c'o seu apertando o rosto amado
De nosso Redemptor, benigna, e pia,
O braço lhe suspende levantado,
Que contra Portugal armado via;
Mas quem fará piedoso um Deus irado
Com a espada na mão, senão Maria?
Oh tu guarda Divina tem cuidado
De quem sem ti não póde ser guardado.

Com força não com manha vergonhosa
De João seguiu Sancho a retirada,
Porque logo fugiu da valorosa
Gente que viu no exercito formada;
Vendo a primeira prova tão custosa;
Receia arrependido da jornada,
Que quem vai contra os nossos claro veja,
Que se resiste, contra si peleja,

Salta, corre, assobia, acena, e brada
A nossa gente ao féro Castelhano,
Que desde o alto da soberba irada,
Na affrontosa fugida baixa ao lhano!
Mas corre, ó D. João, leva apressada
Essa gente, que temo, e não me engano,
Que se d'aqui escapar, que lá diante
Vá cair, onde nunca se levante.

Materia é de Coturno, e não de Soco,
Grande Affonso, o successo d'esta empreza,
E por isso de novo vos invoco,
Vêde o valor da gente portugueza,
Para o louvor dos vossos vos provoco,
Porque possa fazer minha rudeza,
Que se espalhe, e se cante no Universo
Se tão sublime preço cabe em verso.

Trazia o sol o dia celebrado,
No qual oito de junho se contavam,
E do santo que tem a Deus no lado
Altas venerações se celebravam;
Os de João altivo, e Sancho irado,
Na batalha cruel se espalhavam,
Tomando aquelle premio, e doce gloria
Do trabalho que faz clara a memoria.

O portuguez acceita de vontade
A contenda, que tanto desejava,
Por dar á sua patria a liberdade,
Que a Ibéro soberbo lhe tirava
Mostrando em seu valor sua lealdade,
Os corações de todos animava,
Dizendo em alta voz, Real, Real,
Por Affonso alto rei de Portugal.

Aqui espero tomar, se não me engano,
Disse Sancho, ao concurso valoroso,
Vingança tão cruel do Castelhano,
Que se torne enganado de enganoso:
Olhai, que ainda fugindo, marcha ufano,
De vêr que á vossa vista victorioso
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra.

Ali se hão de provar da espada os fios,
Não se diga de vós indignamente
Que perdeis em cobardes desvarios
O credito da vossa patria, e gente;
Revolvei no memoria os altos brios
Do nome portuguez, que por valente
Na quarta parte nova os campos ára,
E se mais mundo houvera, lá chegara.

As portuguezas forças costumadas
Sintam de novo agora os inimigos,
Porque n'esta batalha, e nas passadas
Sejam iguaes as glorias, e os perigos:
Eia fortes soldados, nas espadas
Vejam nossos contrarios seus castigos,
Que para resistirdes vos armastes,
Aquelles, cujos golpes já provastes.

Começa-se a travar a incerta guerra
Com duvidosa forte baralhada;
Ao grande som dos tiros treme a terra,
Empana o fumo a Maquina estrellada;
Mas dos nossos o medo se desterra,
E airoso cada qual levanta a espada,
Derriba, encontra e a terra emfim semeia
Dos que tanto a desejam sendo alheia.

A muitos mandam ver o Estigio Lago,
Que não dá outro fructo a guerra dura;
Elles o nome invocam de San Thiago,
Nós o da Conceição da Virgem pura;
Já de todos a vida n'este estrago
Pelos espessos golpes se aventura,
Que quando do medo infame não se rende,
Então se menos dura, mais se estende.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,
Mas logo com valor alto e profundo
Os da reserva acodem tão ligeiros,
Que nenhum dizer póde, que é segundo,
E por estes famosos cavalleiros
(Cujas acções serão exemplo ao mundo)
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

Porque antes de fugir lhe foge a vida,
A quantos presumiram nesciamente;
Que estar aquella parte já vencida
A victoria lhe dava claramente;
Todos n'esta refrega esclarecida
Acabaram nas mãos da nossa gente;
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo, e no moderno:

Já se ia o sol ardente recolhendo,
Quando a força contraria declinava,
E D. Sancho a victoria conhecendo,
Victoria em altas vozes acclamava,
Turba-se o ar victoria respondendo,
Victoria a terra em échos retumbava,
Oh gente forte, e de altos pensamentos
Que tambem d'ella hão medo os elementos.

Podem-se pôr em longo esquecimento
De Cesar, e Alexandre as gentilezas,
Que mais obraram n'este vencimento
Em um só dia as armas portuguezas:
Digam do Castelhano o sentimento,
Pois viu obrar aos nossos taes proezas,
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Prezos; afóra a preza, que tiveram.

Já fica vencedor o lusitano
Com tão alto triumpho e tanta gloria,
Que parece, que braço mais, que humano
O fez de novo eterno na memoria;
Todos, e tudo o bravo Castelhano
Deixou para despojo da victoria;
Lá morreram, emfim, e lá ficaram,
Que á desejada patria não tornaram.

Não deixaram meus versos esquecidos,
Os que n'este logar se signalaram,
Se não vira, que ficam mais subidos,
Pois de engenho maior se eternisaram;
Mas de todos por modos nunca ouvidos
Tão heroicas acções se relataram,
Que excedem Rodamonte, e o vão Rogeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Emfim não houve forte Capitão,
Nem soldado por roto, e destruido,
Que não mostrasse n'esta occasião,
O valor portuguez sempre temido;
Todos fizeram tudo, e é razão,
Que se acclamem no premio merecido,
Todos de grande esforço, e assim parece,
Quem a tamanhas cousas se offerece.

Já não defenderá sómente os passos
De D. Luiz que defender tratava
O altivo D. João, que a nossos braços
Se viu ser réu, do mesmo que culpava;
E tu Haro infeliz, que em outros laços
Escapaste tambem da furia brava,
Se em ti viste abatido o duro Marte,
Aqui tens, com quem pódes consolar-te.

E se ainda não ficarem d'este feito
Os Castelhanos já desenganados,
Saberemos que buscam só o effeito
De ser dos portuguezes superados,
Enganos forjará no fraco peito
O Austriaco outra vez, como esta, errados,
Inventará traições, e vãos venenos,
Mas sempre, o céu querendo, fará menos.

Vós portuguezes poucos, quanto fortes
(Cujo valor de novo o mundo acclama)
Defendei vossas terras, que essas mortes
Em melhor vida as troca vossa fama,
Ditoso proceder, ditosas sortes,
Dos que o amor da patria tanto inflama,
Fazendo n'ella rei leal, e humano,
Deitado fóra o perfido tyranno.

Quão doce é o louvor, e a justa gloria,
Que todos mereceis n'estes perigos,
Fazendo-vos eternos na memoria
De venceres a vossos inimigos!
Se quereis por despojos da victoria
Mais thesouros, que dar justos castigos;
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras que illustram tanto as vidas.

E vós ó bem nascida segurança
Do bem que a Portugal lhe está guardado,
Não frusteis a devida confiança,
Que de altos premios tem qualquer soldado;
Mas se os não póde haver, que não alcança
Tudo o poder humano limitado,
Melhor é merecel-os, sem os ter,
Que possuil-os sem os merecer,

Fazei Senhor, que nunca os admirados
Allemães, Gallos, Italos, e inglezes
Murmurem de que viram mal premiados
Os meritos dos vossos portuguezes;
Fareis, que de leaes, e de obrigados
Obrem o que esta vez, por muitas vezes,
De sorte que Alexandre em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

SECÇÃO II

Depois da procellosa tempestade,
Com que a Austria na gente Castelhana
Viu castigada a nescia vaidade,
Que talava a campanha Transtagana,
Posta por terra a vão temeridade,
Que em soberba intentou tão inhumana,
Que já não de Philipe, mas sem falta
Da progenie de Jupiter se exalta.

Sancho, forte mancebo, que ficara
Dando aos mortos piedosa sepultura,
Entre o sangue que os campos alagara
O seio faz abrir da terra dura;
De amigos e inimigos se equipara
O horror ali, pois tinham na espessura,
Cheios de terra, é crespos os cabellos,
A bocca negra, os dentes amarellos.

Passada esta tão prospera victoria,
E quanto a lei da guerra ali mandava,
Para novo perigo, e nova gloria.
O campo portuguez se apparelhava,
Dando materia a mais sublime historia,
Acode á voz, que em Evora o chamava,
Do povo, e faz que tome o doce freio
Do seu rei natural, e não do alheio.

Já se viam chegados junto á terra,
Que de si mesma foi fatal castigo,
Soffrendo tão cruel, e nova guerra,
Que do amigo a defende o inimigo;
Referir a oppressão, que aqui se encerra,
Vendo em sua defeza seu perigo,
Não menos é trabalho, que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

Eis a nobre cidade, certo assento
Da lealdade antiga portugueza,
Serve ás terras visinhas de escarmento;
Podendo ser de todas a princeza;
Mas vós ó gente nescia, cujo intento
Traidor a fez dos Castelhanos preza,
Olhai se estaes seguros de perigos,
Que elles, e vós sois vossos inimigos.

Dá-lhe combates asperos, fazendo
Tal confusão, e horror a artelheria,
Que não das balas só, do estrondo horrendo
Combatida a muralha estremecia;
Por tres partes se ouvia o som tremendo,
Até que os nossos com mortal porfia
Em pedaços a fazem com ruido,
Que o mundo pareceu ser destruido.

Cinco vezes a lua se escondera,
E outras tantas o sol mostrara o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cêrco que lhe estava posto;
Foi a batalha tão sanguinea, e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto,
De vencedores asperos, e ousados,
E de vencidos já desesperados.

D'esta arte emfim tomada se rendeu
A seu rei natural restituida,
Que a todos, por piedoso concedeu
O perdão das fazendas, e da vida;
Nem a gente contraria aqui perdeu
Sahir com toda a honra permittida,
E vendo sem vingança tanto damno,
Sómente estriba no segundo engano.

Que geração tão dura ha ahi de gente,
Que contra o mesmo Deus rebelde, e dura,
Por se fazer c'o alheio mais potente
A rûina do proprio se aventura!
Porque ainda que veja claramente,
Entregar-se-lhe tudo o que procura,
Não vence, que a victoria verdadeira
É saber ter justiça nua, e inteira.

Oh tu que tens de humano o gesto, e o peito
Catholico-Philippe, fiel monarcha,
Defende, e serás principe perfeito,
Em paz com Portugal de Pedro a Barca,
Que este reino, que opprimes sem direito
Sempre o verá triumphante a dura Parca,
Que assim dos vates foi prophetisado,
E depois por Jesus crucificado.

À que novos desastres determinas,
Mandar de novo as gentes Castelhanas,
Se só vem fabricar suas ruinas
Mettidos pelas terras lusitanas?
Não lhe aproveitam armas, traça, ou minas,
E vendo resistencias mais que humanas,
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deus pura.

Se cobiça de grandes senhorios,
É, quem tão grande damno causa a Hespanha,
Oh não corram de sangue tantos rios,
Que tem feito o mar Roxo esta companha!
Mas se queres gastar da espada os fios
Só por tyrannisar a terra estranha,
Que famas lhe promettes, ou que historias?
Que triumphos, que palmas, que victorias?

Vós poderoso rei, cujo alto imperio
Foi de outro grande Affonso estatuido,
Que o dominio de um e outro hemispherio
Tem de Deus claramente promettido,
Apesar d'este injusto vituperio
(Com que vos traz Castella perseguido)
Defendei vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

Mas ah que d'esta prospera victoria
Receio grão senhor que a segurança
Seja de modo em nós, que a justa gloria
Faça menor a cega confiança;
Só se escreve nos bronzes da memoria
O quê em trabalho, zelo, e fé se alcança,
Porque sempre por via irá direita,
Quem d'opportuno tempo se aproveita.

Eis aquí se descobre a nobre Hespanha
Da tão soberba, humilde, e abatida;
Mas não cuidemos nós, que esta façanha
A deixou das injurias esquecida;
Posto que o não espere esta campanha,
Cuide que vem, e esteja prevenida,
Crêr tudo emfim, que nunca louvarei
O capitão, que diga: Não cuidei.

Tal ha de ser quem quer c'o dom de Marte
O reino defender, que outrem procura,
Porque só com valor, com força, e arte
A fortuna da guerra se segura;
Com isto grande AFFONSO em toda a parte
Firmaréis a inconstancia da ventura;
Olhai, que sois (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes.

A CAMÕES

Ai do que a sorte assignalou no berço
Inspirado cantor rei da harmonia!

SOARES DE PASSOS.

Pelas ruas mendigando,
Anda um um homem, implorando
Uma esmola p'ra Camões!...
É o Jáu! — O Jáu amado,
Vê seu amo abandonado,
Sem viver nos corações!...

Vê seu amo em desconsolo,
Depois de já n'outro solo
Ter andado a batalhar!...
Ter escripto o seu poema,
P'ra depois o diadema,
A fronte lhe vir ornar!

Ninguem vê sua amargura!
Os signaes da desventura
Ninguem divisa no rosto!
Camões, poeta e soldado,
Foi pela patria olvidado,
Depois de a servir com gosto!

Pobre Camões! Infeliz
Tu foste n'este paiz,
Onde tudo era nobreza!...
Onde foste desprezado,
E no abysmo lançado,
Só por viver's na pobreza!

«Quero morrer c'o amigo,
«Que no leito, só comigo,
«Me contava o seu penar!
«Eu sou pobre! bem conheço!
«Outro amigo não mereço!
«E nunca o hei de deixar!

«P'ra que quero este paiz,
«Se o pobre do meu Luiz
«Morre no leito da dor?...
«P'ra que quero Portugal,
«Se o meu amo tão leal
«Nunca lhe mostrou amor?...

«Eu por palacios andava,
«E uma esmola implorava,
«P'ra meu amo, p'ra Camões!
«De que valia pedir!...
«Se me mandavam banir
«Por causa dos seus brazões!...

«Dai uma esmola ao soldado
«Ao filho desventurado
«D'esta maldita Nação!...
«Attendei! oh portuguezes!
«Olhai da sorte os revezes!
«Dai-lhe um bocado de pão!»

E o Jáu, que assim fallava,
Tambem amaldiçoava
A patria do gran guerreiro...
Conhecia-lhe a amargúra;
Traduzia a sorte dura
Do amigo verdadeiro!...

E morreu pobre e soldado,
Aquelle homem malfadado,
No leito d'um hospital!
Esse germen da desgraça,
Que bebeu de fel a taça
No reino de Portugal!

Abril — 1863.

J. Cardoso Diniz Junior.

O TUMULO DE CAMÕES

Á sombra das arcadas magestosas
De nossas cathedraes, em vão procuras
Lêr de Camões o funerario lemma
Na pedra das antigas sepulturas.

O Homero portuguez jaz esquecido
Sob a lagem do ignoto monumento:
Ou talvez (negra ideia!) as cinzas d'elle
Dispersas pelo mundo as traga o vento...

Mas quando além, entre as revoltas ondas,
Passa o estrangeiro no baixel errante,
Inda èxclama ao passar: — «Aquellas praias
São de Camões o tumulo gigante!» —

Porto, janeiro de 1860.

Guilherme Braga.

(Heras e Violetas).

A CAMÕES

Quem louvará Camões, que elle não seja ?
Quem não vê, que em vão cança engenho e arte?
Elle só a si se louva em toda a parte,
E só elle a toda parte enche d'inveja.

Quem junto n'um esp'rito ver deseja
Quantos dões, entre mil, Phebo reparte,
(Quer elle de amor cante, quer de Marte)
Por mais não desejar, a elle só veja.

Honrou a patria em tudo: imiga sorte
A fez com elle só ser encolhida,
Em premio de estender d'ella a memoria.

Mas se lhe foi fortuna escassa em vida,
Não lhe pôde tirar depois da morte
Um rico amparo de sua fama, e gloria !

Diogo Bernardes.

Em louvor do grande Camões

Sobre os contrarios o terror e a morte
Dardeje embora Achilles denodado,
Ou no rapido carro ensanguentado
Leve arrastos sem vida o Teucro forte:

Embora o bravo Macedonio córte
Co'a fulminante espada o nó fadado,
Que eu de mais nobre estimulo tocado,
Nem lhe amo a gloria, nem lhe invejo a sorte;

Invejo-te, Camões, o nome honroso;
Da mente creadora o sacro lume,
Que exprime as furias de Lyêo raivoso:

Os ais de Ignez, de Venus o queixume,
As pragas do gigante procelloso,
O céu de Amor, o inferno do Ciume.

Bocage.

Bocage a Camões, comparando com os d'elle os seus proprios infortunios

SONETO

Camões, grande Camões, quam similhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Egual causa nos fez perdendo o Tejo
Arrostar c'o sacrilego gigante:

Como tu, junto ao Ganges susurrante
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso amante:

Ludibrio, como tu, da sorte dura
Meu fim demando ao céu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura:

Modêlo meu, tu és... Mas, oh tristeza!...
Se te imito nos trances da ventura,
Não te imito nos dons da natureza.

QUADROS PITTORESCOS

Dos mais bellos episodios dos Lusiadas de Camões, desenhados cada um n'um soneto por Francisco Joaquim Bingre.

A CAMÕES

SONETO

Tagitano cantor do illustre Gama,
Digno filho da inclita Ulisséa,
E que embocando a tuba auri febéa
Déste assumpto immortal ás cem da Fama;

D'essa tua divina, accesa chamma,
Que no Pindo o seu estro inda affoguéa,
C'uma faisca só accende a ideia
Do velho, que com teus rasgos inda s'inflamma.

Deixa, pintor grandioso dos ouvidos,
Que o véu levante ás divinaes pinturas,
E mostre os nobres traços tão subidos.

Os teus quadros, Camões, de aureas molduras
No templo da memoria recolhidos
Conservam vivas sempre as tintas puras.

QUADRO 1.º

O concilio dos deuses no Olimpo

Canto 1 — estancia 20, 41

SONETO

Convoca Jove os deuses a congresso
Na aurea sala da olympica morada;
Propõe-lhe o audaz valor da lusa armada,
Sulcando os mares virgens com excesso.

Venus formosa brada: «favor peço
«Para a lusa nação por mim amada.»
Oppõe-se Baccho com tenção damnada
A' protecção, por ser ao luso avesso.

Levanta-se entre os deuses um murmuro:
Porém Marte o congresso ao prol commove,
Batendo c'o bastão no solio puro.

O padre annue, a junta se dissolve,
Mostra a linda pintura do futuro;
E sobre os numes todos nectar chove.

QUADRO 2.°

O salvamento da frota na barra de Mombaça

Canto 2 — est. 19, 27

SONETO

C'o as filhas de Nereo vôa Ericina
Para livrar os nautas da desgraça
Da entrada pela barra de Mombaça,
Onde estava traçada a sua ruina.

Rodeam toda a frota, e com divina
Força por entre as ondas lhe dão caça;
Nenhuma embarcação adiante passa,
Impedida da tropa crystallina.

Os moiros co'as cabeças levantadas
Sobre as aguas quaes rãs, que no charco abrigas,
São grandes, são famosas pincelladas.

Pois o rancho das providas formigas,
Correndo para a cova carregadas!...
Que finas tintas, grão cantor não ligas!?

QUADRO 3.º

Venus fallando a Jove a favor dos navegantes

Canto 2 — est. 34, 55

SONETO

Angelical pintor, divino poeta,
Quem te dá os pinceis e as finas tintas
Das variadas côres, com que pintas
Grandes quadros tirados da palheta?

A tua excelsa musa tão discreta
O estro te affoguea que requintas
Com habil mão, com variações distinctas,
Transpondo d'alta gloria a grande meta.

Venus, orando ao padre omnipotente
Por seus lusos, com susto afadigada,
Suspirando, chorosa e balbuciente;

As caricias, com que é tanto animada,
Deram vida á pintura permanente,
Com que a sala de Jove está ornada.

QUADRO 4.º

O assassinio de D. Ignez de Castro

Canto 3 — est. 126, 135

SONETO

Ensopaste os pinceis nas tintas finas,
Que os amores com lagrimas moeram
Nos suspiros de Ignez, que emmurcheram
Os lirios, cravos, rosas e boninas.

Tu pintaste as brutaes furias ferinas
Dos crueis assassinos que verteram
Da linda Castro o sangue e os ais que deram
As filhas do Mondego tão mofinas.

O erguer ao céu os olhos lacrimosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos ;

São rasgos immortaes de quem pintando
Está sentado em astros luminosos,
Que as musas divinaes lhe estão riscando.

QUADRO 5.º

Sonho de el-rei D. Manoel

Canto 4 — est. 69, 75

SONETO

Para fazer a celebre pintura
Do altivo Ganges, do soberbo Indo,
Deram-te as musas do sagrado Pindo
Os doirados pinceis, e a tinta pura.

O sonho de Manoel, rei da ventura,
As ditas, que lhe foram descobrindo
Os dois rios gentis, em quadro lindo,
Do seu grande poder gloria futura;

As promessas de prazeres singulares,
Que, dormindo, fatidicos lhe auguram
Os tributos dos ricos malabares;

São quadros immortaes que eternos duram,
O' divino Camões, sobre os altares,
Que as filhas da Memoria erguer te juram.

QUADRO 6.º

O Adamastor

Canto 5 — est. 39, 60

SONETO

Este quadro immortal, esta pintura
De um pintor dos ouvidos sem segundo
Ha de eterna ficar sempre no mundo,
Por ser de aureo pincel, que sempre dura.

Esta gigantesca colossal figura
De Adamastor, gigante tremebundo,
Do cabo tormentoso furibundo,
Levou o seu pintor á summa altura.

Não póde haver pinceis, que parallelos
Seja *co'a barba esqualida em desenho* (1)
Co'a a boca negra, e os dentes amarellos.

Fôra de Apelles um baldado empenho
Traçar um quadro assim, sem os modêlos
Do divino Camões d'altivo engenho.

(1) Desalinho — f.

QUADRO 7.º

Naufragio de Sepulveda.

Canto 5 — est. 46, 48

SONETO

O pathetico quadro de tristeza;
Do miserando caso lastimoso,
Da naufraga Leonor, do caro esposo,
Da desgraça cruel infausta presa;

Da Cafraria a barbara fereza;
O petulante genio cubiçoso,
O desgraçado fim tão desditoso
Dos filhinhos, dos paes sem ter defeza.

Na arêa dos sertões sólo ferino
Despida e morta a candida assucena,
Abraçada c'o esposo! ... Oh crú destino!

Ah! que quadro de dôr traçou tua penna!
Ninguem, luso cantor, Camões divino,
Ninguem pinta melhor tão triste scena.

QUADRO 8.º

Baccho entrando nos paços de Neptuno

Canto 6 — est. 8, 36

SONETO

Os paços de Neptuno singulares,
Os lavores das portas argentinas,
As marinhas deidades peregrinas,
Os aquaticos deuses insulares;

Baccho entrando abafado em seus pezares
Pelas compridas salas neptuninas,
Queixando-se com phrazes viperinas
Dos lusos, que rompendo vão os mares,

Os rogos aos marinhos congregados
Com suspiros, com lagrimas ardentes
Para estragar os nautas denodados,

A votação dos deuses assistentes
Ao conclave, contraria á lei dos fados,
São quadros de alto genio permanentes.

QUADRO 9.º

Tritão

Canto 6 — est. 16, 19

SONETO

Que Zeuxis, que Parrhasio, ou que Thimantes
Pintaria o Tritão, qual tu pintaste,
Portentoso Camões, que desenhaste
Com teus aureos pinceis sempre brilhantes!

Os braços gigantescos habeis nadantes,
Os limos, mexilhões, com que o enfeitaste;
A casca de lagosta, com que ornaste
Sua fronte e cabellos gotejantes:

O retorcido buzio, que assoprava
Por ordem de seu pae, nas mãos callosas,
Com que os deuses marinhos convocava;

Todas estas pinturas potentosas
São filhas de Camões, que as desenhava,
No panno das ideias luminosas.

QUADRO 10.º

Os doze d'Inglaterra

Canto 6 — est. 42, 67

SONETO

O episodio dos doze d'Inglaterra,
Escolhidos nas hostes portuguezas
Pelas doze gentis damas inglezas,
Para as ir despicar na patria terra:

Alli em largo circo, em tom de guerra,
Com outros tantos das bretãs nobrezas
Se obraram denodadas gentilezas,
Pelos motivos que o torneio encerra.

O sangue que avermelha as armas brancas,
Virando o cavalleiro o ferro agudo,
Que c'o *penacho do elmo açoita as ancas;*

São traços de um grão genio e longo estudo;
Não são pinturas feitas sobre as bancas,
São desenhos na guerra sobre o escudo.

QUADRO 11.º

A tempestade

Canto 6 — est. 71, 91

SONETO

Roncam roucos trovões, rompendo os ares;
A noite negra e feia se alumia
Co's raios, com que o polo todo ardia;
Sobem em serras para os céus os mares;

Sobre a frota do Gama sopra azares
Boreas cruel com fera valentia;
Noto, cavando as ondas, assobia
Pela miuda enxarcia iras aos pares.

Caem mastros rachados em hastilhas;
Voam as velas em pequenas tiras;
Tocam no fundo mar as curvas quilhas;

Eis apparece Venus; e c'o as miras
De suas nimphas gentis, de Nereo filhas,
Dos bravos furacões amansa as iras.

QUADRO 12.º

Ilha dos Amores

Canto 9 — est. 52, 87

SONETO

A deleitosa ilha dos Amores,
Habitada de nymphas singulares,
Descanço para os nautas, que dos mares
Cançados vinham já dos seus furores;

As campinas bordadas de mil flores;
Os bosques, fontes, rios e pomares,
Lautas mezas de opiparos manjares,
Suspiros, queixas, ais, beijos, favores;

Os consorcios das nymphas c'os guerreiros,
Desposorio de Thetis c'o heroe Gama;
Promessas de alta gloria aos cavalleiros.

São fogachos, que ao estro accende a chamma,
Com que Apollo deixou com seus luzeiros
Na fronte de Camões a eterna rama.

EPITAPHIOS

Eis o mais rico mansoleu do mundo:
Camões o endeusa, o maximo dos vates.
Numen do genio se da sorte o martyr,
Ind'e nas cinzas o que foi na vida,
Grande, guerreiro, illustre, humano e tudo,
Só não é infeliz, que é sempre a campa
Leito de flôres aos heroes como elle.
Patria dá-lhe hoje o que negou-lhe a patria,
Construe-lhe altares, considera-o numen;
Justiceiro porvir lhe vote o incenso.

* * *

Lusiadas, e nome, e gloria e cinzas.

* * *

Ignobil mansoleu! tenue offerenda!
Todo o mundo devera ser seu tumulo.

* * *

Em quanto vivo, a espada e a penna honraste,
Depois de morto, a espada e a penna t'honram.

* * *

Em quanto vivo, a patria desdenhou-te;
Depois de morto, t'idolatra a patria.

* *
*

Ao nome teu a tradição tributa
Na memoria dos homens monumento,
Em quanto a gratidão te offerta ás cinzas
Este arrogante, sepulchral portento.

* *
*

Na esquerda a espada e na direita a penna,
Foste, Camões, assombro dois no mundo,
Co'aquella a honra sustentaste a Lysia,
Co'esta a gloria de Lysia has dado aos evos.

* *
*

Aqui as cinzas, pelo mundo a fama.

Ovidio Saraiva de Carvalho.

CAMÕES

POEMA DINAMARQUEZ DE STAFFELDT

Que segredo tão alto e tão profundo,
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o mundo tem p'ra ella!

CAM. CANÇ. X.

(Paiz deserto e montanhoso)

CAMÕES *(acordando)*

Não! não foi somno, que tão brando acolhe
O mortal fatigado, e que em seus braços
Fagueiro o acalenta: foi sim plumbea
Modorra e inanimada, que ao gelado
Lumiar me levou da sepultura,
Aonde o rei das trevas me cortara
Fatidica madeixa de cabello.
Sou d'elle! —

Natureza! volve os olhos,
Vê, entregue á penuria, ao soffrimento,
O teu cantor e amigo, que, prostrado,
Anceia por libar teu puro seio,
Rico manancial, de que desliza
Da vida o doce leite, que tu prodiga
Vás de continua ás turbas franqueando.—
Qual o mundo, a meu canto és insensivel?
Quando á mingua pereço, ó natureza!
Não tens para o cantor se não grinaldas?
D'entre a raça dos homens repellido,
A vida se m'esvae entre as boninas.
Ai! correr sinto pelos ossos todos
Do inferno as chammas!— Oh! da flôr, da folha,
Do tronco, da raiz, em fio corre,
Balsamico maná, da vida puro,
Doce manancial; vem dar allivio
Ao bardo moribundo, que de tudo,
De tudo está privado. Tu, ó nuvem!
Deixa cair, n'accelerada fuga,
D'uma gota a frescura n'este peito
Sequioso. Tu, sol, c'os almos raios,
Não podes apressar o fructo ás plantas?
Porque não traz a abelha de seus favos
O nectar fabricado d'estas flôres
Ao exhausto cantor da natureza?

Não, illusão não é! já n'alma o sinto;
A natureza quer, vai dar allivio
De seu cantor aos males. Das hervinhas...

Já querem rebentar tenras espigas;
Em fructos vão desabrochando as flôres;
Para meus labios eis se movem fontes...
Ah! illusão!... das trevas as deidades
Tem toda a piedade agrilhoado!

Ó nivea amendoeira, que me abrigas,
A ti levanto meus quebrados olhos;
Uma amendoa, sequer, Camões te pede.
Mas ah! só tenra flôr t'enfeita ainda.
Sobre o bardo infeliz prodiga espalhas
As flôres sacudidas de teus ramos.
Assim, bem como os homens, no momento
Que á penuria succumbo, tu corôas
E abandonas Camões.— Talvez agora
Em molles almofadas, recamadas
D'ouro e prata, o monarcha lusitano,
Do peso da corôa não cuidoso,
Descança e remunera c'um sorriso
Dobando adolador finas lisonjas;
Em quanto tu, meu bom, leal *Antonio,*
Ao seu portão mendigas, escondendo
Na côr do rosto o pejo. Oh! e quando
S'enleva a côrte c'o sublime canto,
Em seu reino o cantor perece á fome!...
Qual grinalda de victima sagrada
São funebres os louros do poeta!
Que mortal aspirou jámais, impune,
A alçar a mente do terrestre seio?
Bem similhante ao salvador do mundo,

Tambem pesada cruz na vida leva;
E, ainda que, no extasi do canto,
Aos homens patenteie, estupefactos,
Fulgurante mansão de luz e gloria;
Elle é votado em sacrificio ás trevas.

Onde estás, que não vens, fiel Antonio,
Delicias minhas, meu bom anjo negro?
Eu dei-te a liberdade, e tu d'escravo
Tornaste-te o mais nobre dos amigos.
Alma sublime! para o bardo esmolas,
Que deixaste no leito do deserto;
E, antes que pedir para ti mesmo,
Tu te deixaras succumbir a um canto!
Ó alma generosa! de teus labios
Ancioso espero allivio a meu tormento;
Que, quando todo o mundo me abandona,
És para mim *Romana caridade*,
Que o doce nutrimento vens trazer-me;
E teus mendigos beiços caridosos
São peitos maternaes que me alimentam.
Eu sinto alguem... seguramente é elle;
Outro qualquer recusara, horrorisado,
D'esta medonha habitação da morte.

UM MONGE

Como é silencioso este deserto!
Quão magestosa a solidão dos bosques!

Talvez que ninguem ainda respirasse
Este ar suavemente perfumado
Do cheiro de mil plantas ignoradas.
Aqui não se ouve o gorgear dos passaros;
Naquelle erguido pico apenas pousa,
Mas mudo, um tordo: além uma cigarra
Com rouco som na relva se lastima;
E, qual um peregrino, solitaria
No meio d'esta longa soidade,
Um abelha o tomilho está chupando.
Mas que rugido é este?... Oh! uma cobra!
A serpente s'encontra em toda a parte;
Ainda que a rojar-se sobre o ventre
Perpetua maldição a condemnasse.

Tres dias n'este lugubre deserto
Devo passar entregue á dôr, á fome.
Assim meu sup'rior, em ira acceso,
M'o impoz por penitencia, e despediu-me
Com tres laranjas só por meu sustento.
Qual foi o meu peccado? qual meu crime?
Por ti, sagrada Virgem, por ti soffro!
Ó Virgem celestial, sê tu meu guia,
Teu ardente amador não desampares.

A lua com seus raios prateados,
Penetrando na igreja, circumdava,
De Celeste esplendor a tua imagem.

Então, ó Virgem bella! que ternura,
Que doce commoção senti eu n'alma!
Com que arroio de lagrimas ardentes
Banhei o teu altar, teu pé de marmore?
Fervor de devoção m'inflamma o sangue,
E na ponta dos pés, extasiado,
Alçado beijo teus divinos labios;
Que vêr me parecia manar delles
Perenne fonte de suave nectar.
Talvez nisto pequei; que, d'improvizo,
Arrancado me vi do sanctuario,
E, acceso em ira santa, o meu prelado
M'impoz a penitencia do deserto.
—Mas que vejo?... Quem jaz alli debaixo
Daquelles ramos?

(*Approxima-se de Camões*)

Deus te salve, amigo!—
Não responde. Talvez cahisse ao ferro
D'algum salteador—ou talvez fome...
Não vive ainda!—Porque assim tu olhas
Para mim conturbado? Não receies;
Não vês este burel? De Deus sou servo,
E agora talvez seu mensageiro,
Dobrada compaixão neste deserto
Em meu fraternal peito se desperta,
D'um infeliz aos males.

CAMÕES

Oh! não gastes
O tempo em vans perguntas: é sagrado
Meu infortunio. O sol, em seu occaso,
Em purpuras s'involve de vergonha;
Assim, na minha morte não fallada,
Ignoto irei á região das trevas.
Eu tenho sublimado a vida e a terra;
Por isso vida e terra me repellem,
Porém se minha morte agora é involta
Em feio, vergonhoso esquecimento,
Meu nome e o canto meu serão levados
Com pasmo e gloria ás gerações vindouras.

MONGE

Não, alma generosa, não succumbas.
Florecerás com nova, fulgurante pompa,
No verde topo da arvore da vida.
Oh! escuta-me: em breve, em breve eu posso
Trazer-te do convento prompto auxilio.

CAMÕES

Se tu fôras o Fado, sim, bom padre!
Agora orar por mim é quanto podes;
E depois abandona estes logares.
Já no intimo do peito trago a morte:

Meu mal não tem remedio; mas allivio —
Oh, sim! allivio, sim, se tanto podes!
Prostrado n'um mortal abatimento,
Sinto arder cada gota de meu sangue;
E nada, nada vem refrigerar-me
Neste horrivel patibulo de fogo. —
Agua, padre! a meus labios uma fonte!

MONGE

Tres laranjas é tudo quanto eu tenho;
D'uma preciso eu mesmo ao meio dia;
(Oh! não estivesse eu tão sequioso!)
Só duas pois offerecer-te posso.

CAMÕES *(olhando para as laranjas)*

Feliz quem debaixo d'arvores fecundas,
Se vê coberto de dourados pomos!
Feliz quem póde o consolador convite
Dirigir ao cançado viandante:
«Entrai, colhei, e mitigai a calma
Com abundancia d'este meu pomar!»
Oh! como esta suavissima frescura
Me vai coando no abrasado peito!
Esta aurea taça a trasbordar de nectar,
Gota a gota extrahido dos mais puros
Mananciaes da vida... Ó natureza!

São estes os teus peitos creadores!
Por tua salvação, ó padre, ajunta
Um pedaço de pão aos doces gomos!

MONGE

Ah! Deus seja comtigo, irmão! Elle abre
Suas mãos liberaes e entorna orvalho
Na mais humilde hervinha d'estes montes.
Que Deus seja comtigo. Elle sustenta
O mais pequeno insecto sobre a terra,
E veste os lirios, que os vergeis povoam.
Que Deus seja comtigo, pois todo elle
E' pai e amor, e ainda no deserto
Uma e uma está vendo as tuas lagrimas.
Portanto o Senhor Deus seja comtigo.
Malfadada creatura, e se amerceie
De teu espirito no seu santo reino.

(Ausenta-se apressadamente)

CAMÕES

Amen.— Consolação, que fortaleces
O misero mortal na vida e morte,
Quando horrores do inferno o accommettem!
Es tu, sem duvida, o maná celeste
Derramado por Deus sobre o deserto.—

Ó divino Jesus, tam gracioso
No regaço da Mãe immaculada!
Com 'sperança ineffavel no soccorro
A teu suave, dulcissimo sorriso.
Qual a candida flôr, que rompe fóra
Do grosseiro torrão que a opprimia;
Em breve o meu espirito, deixando
Este manto terreno, ha de elevar-se
Até ás tuas celestiaes alturas,
E desabrochará com toda a pompa
Diante do esplendor da tua face.

(Apparece o Negro)

Pois já aqui 'stás, meu corvo, que alimentas
Quem todos abandonam no deserto?
Mas não, não disse bem: meu irmão negro,
E não corvo; que o bardo sabe dar-te
Muitos e muitos carinhosos nomes.
Oh bello, incomparavel cysne preto!
Pomba baixada dos celestes reinos!
'Spirito de celeste luz purissima,
Mais alvo do que o lirio, mas involto
No manto escuro da modesta noite!
Oh ethiope sancto! vem, soccorre
Com tua mão generosa o desgraçado.

NEGRO

Oh! fôra eu convertido em penha dura,
Pois só posso ser ecco a teus lamentos!

Eis-me aqui, meu senhor, como ella esteril,
Mas ainda mal que não tam insensivel,
Porque não brotaram d'estes meus braços,
Qual de ramos viçosos, doces fructos,
Que o mais nobre dos homens consolassem!
Camões, meu bom senhor, illustre amigo!
Fugiu de sobre a terra a Caridade,
E fechou após de si do céo as portas.
Só negra fome reina enthronizada
Sobre os dentes do tigre do deserto.

CAMÕES

A tanto não chegavam meus receios!
Exulta, ó Fado! meu temor foi grande;
Mas muito maior foi tua crueza!
Sim, gigante! colosso! eu me submetto
A teu irresistivel poderio.
Ainda assim, bem vindo, bom amigo;
Bem vindo sejas, testimunha unica
D'esta desamparada morte minha!
Mas dize, não achaste um só ouvido,
Um só que ás vozes da desgraça attento,
Levasse a compaixão aos seios d'alma?

NEGRO

Depois de ter corrido longamente
As ruas de Lisboa, importunando,

Mas debalde, os fieis por uma esmola;
Debaixo das arcadas d'uma igreja,
Par'onde exhausto já me recolhia,
Do topo das escadas já desgastas
Um infeliz mendigo me contempla.
Só miseros andrajos lhe pendiam
Dos mal cobertos membros. Então tira
C'um profundo suspiro um pão do alforge.
Os olhos fitos n'elle, fico immovel,
Para o pão alongando os labios supplices.
Eu mudo estava alli, mas elle via
Fluctuar-me uma lagrima nos olhos —
Oh! Deus clemente! o pão partir lhe vejo:
Metade já m'estende a mão piedosa,
Quando — infeliz de mim! — um cão faminto
Lh'o arrebata voraz e desparece.

CAMÕES

Tambem elle é vivente e a vida passa
Latindo e procurando o seu sustento;
Em quanto o infeliz bardo Lusitano
De seus cantos só tira a negra fome. —
Escuta ó natureza, as minhas preces,
Ultimos rogos, que dirige um filho,
Já no leito da morte, á mãe querida.
Alcatifem-se os prados de verdura!
Com o peso do fructo os ramos verguem!
Os rebanhos produzam mil rebanhos!

Em cardumes nas aguas ferva o peixe!
Tudo seja abundancia, pois que existe
Um mendigo nas ruas de Lisboa,
Nú, sim, mas cheio d'altos sentimentos!

NEGRO

Socegae, nobre amigo, ainda vivem
Muitos de cujos olhos se derrama
Pranto compadecido da miseria.
Ámanhã tudo é júbilo na côrte
E desce a compaixão de novo á terra;
A grande redempção da raça humana,
Do Corpus Christi a festa se celebra.
Eu então cabisbaixo, a mão 'stendida,
Irei postar-me junto das arcadas
Da grande cathedral; e quando os peitos
Dos nobres portuguezes se abrandarem
Da redempção com a memoria augusta;
Oh! então minhas supplicas decerto
Hão de calar no coração dos homens;
Ainda que meus labios não profiram
Um accento de dôr. Illustre amigo!
Meu amo! meu senhor! acreditae-me,
Eu saberei domar vosso infortunio!

CAMÕES

Ingenuo seductor! tuas palavras
Pintam a vida entre os horror's do nada.
Até n'um coração que a morte gela,
Despertas o prazer e o sentimento!
A dourada esperança, qu'inda embala
O naufrago na taboa derradeira;
Essa pousa vivaz sobre os teus labios,
Qual calhandra que canta á luz do dia,
Quando as sombras da noite vão fugindo,
Pelas frechas da aurora perseguidas.
Oh! sim, a vida é preciosa, é bella,
Até para quem sabe ao sacrificio
Off'recel-a e morrer, qual cumpre a um homem.

NEGRO

Sim, é preciosa a vida, e bem depressa
Outra nova além-mar por nós espera,
Quando, tua saude restaurada,
Largando o Tejo, do baixel virares
As pandas azas á africana costa.
Feliz viagem! quam veloz e amena!
Brandas auras co'as vélas vão brincando;
Qual chusma de mocinhos folgazões,
Seguem golfinhos a prateada esteira,
E, diante da Virgem lá na proa,
Dançam ledas as vagas aljofradas.

Mas eis da gavea soa o grito — terra!
E — terra — no horisonte o ecco soa.
Bandos d'aves lá vem ao nosso encontro,
Já recende o suavissimo perfume
Dos bosques da fragrante especiaria.
As ondas vem rolando molemente
Os fructos saborosos da palmeira.
Ah! minha alma trasborda d'alegria!
Eu vejo a minha patria; sim, é ella!
Meu pai! meu filho! meu irmão! meu tudo!
Alli regressarás de novo á vida.

CAMÕES *(em extasi)*

Conduz-me, Antonio, áquelle bello outeiro,
Onde a fonte borbulha d'entre as rosas!
Colhe-me alguns d'esses dourados pomos!
Não os vês como brilham apinhados
Nos ramos da frondosa laranjeira?

NEGRO *(profundamente commovido)*

Silencio, Natureza! não perturbes
Soave sonho, que ao menos refrigera
Quem tu tão cruelmente abandonaste.

CAMÕES *(com um profundo suspiro)*

Pois de véras foi sonho? Eu já cuidava
Sentir das ondas o baloiço brando.

NEGRO

Ainda não; sentil-o-has em breve:
Os sonhos são presagios do futuro.

CAMÕES

O sonho, amigo, apenas se assemelha
Ao perfume da flôr, que, fugitivo,
S'exhala e morre na extensão do espaço.
Mas quantas vezes os fagueiros sonhos
Excedem em belleza a realidade! —
Canta-me, Antonio, tua canção querida,
Que para ti compuz, leal amigo.

NEGRO *(canta)*

Sob o sol resplandecente
Minha cara patria fica;
Bebe seu calor ardente,
Que seu solo vivifica.

Lá das praias mais distantes
Dando á vela os estrangeiros,
Aos seus bosques tão fragrantes
Vem buscar suaves cheiros.

Louro milho está dourando
Minha terra abençoada,
E co'os astros topetando,
S'ergue a palmeira elevada.

D'entre as nuvens celestiaes,
Qual um anjo alli 'scondido,
Ella abre as mãos liberaes,
Dá-nos pão, agua e vestido.

Não de ti não perderei
Esta saudade tão viva.
Quando, ó palmeira, verei
A nossa terra nativa!

(É mordido pela serpente)

CAMÕES

Oh! foge, Antonio!... uma serpente... foge!
Arreda, monstro!... Porém, ai!... que vejo!

NEGRO

É tarde!... A morte vem buscar-me... Os olhos
Sinto cobrir-se d'uma nevoa densa...
Ah! dá-me a mão... eu não te vejo... amigo!
Oh! como é fria e tenebrosa a senda
Que á morte conduz!...

CAMÕES

Oh! deixa, Antonio,
Qu'eu participe d'essa morte horrivel!
Deixa que suquèm meus sequiosos beiços
Veneno, que tão rapido te mata!

NEGRO

É tua mão qu'eu sinto?... Que disseste?
Ar!... eu abafo... ar!... eu morro, eu morro!

(Expira)

CAMÕES (*desfallece, e diz, tornando a si*)

Eu tinha um corvo, que nas garras négras
O pão vinha trazer-me fielmente;
Seu bico para mim era uma fonte. . . . . .

Agora morrerei á fome e á sêde,
Pois me fugiu meu corvo, seduzido
Pelos anjos do céu. Agora mesmo
Lá se pousa nos dedos de Deus Padre,
E bate com ledice as fuscas azas.
Antonio! Antonio! corvo meu querido,
Já não dá por teu nome? — Vês, a fome
Face a face comigo, como range
Os seus roazes dentes?... Lá levanta
Para involver-me os descarnados braços...
Não, ó monstro! antes quero...
....
....
Mas não, ó caro amigo! Nas alturas,
Em presença do Eterno ajoelhado,
Supplica fervorosa lhe diriges,
E impetrarás a salvação do martyr,
Que teu cadaver cinge entre os seus braços.

VOZ D'UM ESPIRITO

Cedo terás a bonança,
Alma triste, atribulada;
Ó alma martyr, descança,
Cedo serás libertada.

CAMÕES

Que balsamo suave no meu peito
Derramou esta voz desconhecida!

O gêlo do tormento se derrete;
Já posso respirar um ar mais fresco!

VOZ DO ESPIRITO

Chega a morte — não a temas —
Ao teu leito d'amargura;
E com floridas algemas
Ella de ti se assegura.

CAMÕES

Sim! com teu amoroso beijo, ó morte!
Sorve-me a vida até o extremo alento.
Como o sol bebe o orvalho das boninas,
O halito vital bebe em meus labios!

VOZ DO ESPIRITO

Solta na voz sonorosa
Mais outro divino accento,
E abandona, alma ditosa,
Este logar de tormento.

CAMÕES

Verde terra! Oceano prateado!
Fulgente sol, d'immensa magestade!

Inda uma vez Camões, o malfadado,
  Vos dirige, ao entrar na Eternidade,
O suspiro do cisne moribundo.
  Testimunhas que sois da minha morte,
Occultae, em silencio o mais profundo,
  Ás gerações vindouras minha sorte.
Ah! nunca bardo algum saiba os gemidos,
  Os suspiros de dôr, que acompanharam
Os sons, de minha lyra desferidos.
  Mas embora! que os céus jámais negaram
Seus thesouros ao vate, em seu tormento.
  Nas lagrimas que chora d'amargura,
Atravessando o vasto firmamento,
  O Sol da Eternidade lhe fulgura.
Na tormenta desfeita acha bonança;
  Que as dôres d'esta vida atribulada
O fructo lhe sazonam da esperança
  Na campina d'estrellas povoada.
Adeus, ó portentosa Natureza!
  Adeus, terra, e miriadas de flôres!
Adeus, mar, d'insondavel profundeza!
  Adeus, brilhante sol e teus fulgores!
Possa teu aureo dedo fechar brando
  Meus olhos hoje para o somno extremo;
E, teu ultimo brilho acompanhando,
  Voar minh'alma ao Creador Supremo!

(Morre)

VOZ DO ESPIRITO

Salve! salve! teu martyrio
Já findou e tuas dores;
Em nossos festões de flores
Ascenderás ao Empireo
Sorri, ó anjo d'amor;
Voa, voa ao Creador!

ESPIRITO DE CAMÕES

Oh! prazer! que doces cantos!
As portas do céu abertas!
As aureas nuvens cobertas
De legiões d'anjos e sanctos!
Deus e a Verdade sem véu!...
Oh! feliz o que morreu!

MONGE (*em companhia d'outro, que traz uma cesta*)

Sim, aqui deve ser; eu não m'engano.
Estes ramos marcavam meu caminho.
Eis aqui a frondosa amendoeira:
N'este sitio vi eu rojar-se a cobra;
E aqui — sim era aqui... Mas eu que vejo!
Um outro está com elle e dormem juntos.
Qual dia e noite em amoroso amplexo,

Em seus braços fieis s'estreitam ambos.
Accordai! Os desertos pão pruduzem;
Do seio do rochedo brota o vinho...
Oh Deus! já sem calor, sem luz nos olhos,
Já sem vida, alli jazem abraçados!
E, ai! a-falsa, verdenegra cobra
Do negro lá s'enrosca no cadaver!
Agora a Compaixão, co'as mãos repletas,
Ao céu levanta os olhos lagrimosos,
Lamentando que o filho do infortunio
Com seus dons já não possa consolar-se.
Qual lagrima de sangue, sobre o morto
Corra do frasco o rubicundo vinho.
Ao regaço da terra volva o trigo
E acompanhe o esfaimado á sepultura.
Que és tu, ó vida tão 'stimada? A preza
D'innumeras potencias conjuradas;
Sêcca folha, que voa e desparece;
No tempo e espaço um invisivel ponto!
Vamos, irmão; corramos ao mosteiro,
Dar parte d'este caso lamentavel.
— Ah! que tremor o coração me assalta!
Não vês um spectro, que no morro pousa?
O Jesus Senhor Deus seja comnosco.

(*Retiram-se*)

VOZES NO DESERTO

Ai de ti, ó Lisboa cidade!
Da Justiça divina o Espirito
Lá conduz a veloz tempestade!

Ai de ti, ó Lisboa, outra vez!
Sobre ti elle irado ameaça
Um funesto, espantoso revez!

Ai tres vezes de ti, ó immensa!
Eil-o vem, eil-o já pronuncia
A tremenda, mas justa sentença.

(Noite e tempestade)

O ESPIRITO DA JUSTIÇA DIVINA

Voando pela immensa redondeza,
Inexoravel julgo todo o mundo.
Nenhum mortal ao meu poder s'esquiva;
Cedo ou tarde a sentença eu pronuncio,
As pragas todas o meu cofre encerra,
Que, a meu aceno, quaes mastins ardentes,
Se arrojam ao peccado enraivecidas.
Ouve, ó Lisboa, tua fatal sentença,
Pela Eterna Justiça proferida
Sobre aquelle cadaver ensopado

No gelido suor da dôr pungente.
Entre estragos d'horrivel terremoto
Teus sinos tocarão lá das alturas
O temeroso som da tua ruina;
Em quanto que o Espirito do fogo
Te derroca os tremantes fundamentos;
Sabe pois, que, volvidos longos tempos,
O signal pavoroso da vingança
Suscitará do fundo dos abysmos
A tormenta que ha de soverter-te
Nas sulfureas entranhas lá do inferno.
Com medonho fragor tuas altas torres
Desabarão nos cumes dos telhados.
Da terra hão de surgir lividas chammas,
Que em fórma gigantesca aos seus remontem.
Os porticos sobérbos, os zimborios,
Rachando, aluirão n'um mar de fogo.
Ver-se-ha um povo inteiro agonisante;
O feto chorará da mãi ao ventre;
E o ancião arrancará suas barbas,
Pois, vacillando sobre as debeis plantas,
Rescáldadas do fogo, lá succumbe
Entre montões de derrocados marmores!

José Gomes Monteiro.

(**Lyra Teutonica**, 1848).

SONETO

Só com o grande e immortal Camões
Me ponho a conversar noites e dias;
Ora nas lacrimosas elegias,
Ora nas magoadissimas canções:

Aqui me conta mil perseguições
De fortuna e de amor por tantas vias,
Que olhando para as minhas agonias,
Tirando sempre vou sabias lições.

Sobre elle os olhos outras vezes paro
Já meios d'agua; e digo então comigo:
Oh alma grande, espirito preclaro!

Que em vão me queixo ao céu do meu castigo;
Pois como não será comigo avaro
Quem foi tão pouco liberal comtigo?

João Xavier de Mattos.

(Rimas).

POEMA HEROICO

CAMÕES

CANTO III

A Visão

XV

«Nada na côrte obtive contrastado
Por tão forte inimigo, eu sem fortuna, (1)
Sem arrimo, sem pae.—Como eu, perdido
Entre o obscuro tropel dos desvalidos
Que o sangue pela patria hão barateado
Para perder á mingoa o resto d'elle,
Meu pae de pura magoa e de despeito
Fenecera em meus braços.—Só no mundo,
Que me restava? Perecer como elle,
Ou por um nobre feito despicar-me,
Vingar a affronta d'uma patria ingrata.

(1) *Tão forte inimigo.* O primeiro conde de Castanheira D. Antonio de Ataide, grande valido de D. João III.

XVI

«De taes ideias combatido o animo,
Um dia ás margens do formoso Tejo,
Curtindo acervas dores, passeiava,
E os olhos desvairados estendia
Por essa magestade de suas agûas,
Coalhadas de baixeis, que as ricas páreas,
Que os tributos do oriente vem trazer-lhe.
Andando, meu espirito agitado
Se enlevava nas glorias, nos prodigios
Que a tão pequeno canto do universo
A metade da terra avassallaram.
Transportava-me o ardente pensamento
Aos palmares do Ganges envergados
De tropheus portuguezes; via o nauta,
Que ousou galgar o tormento rio cabo,
E nos balcões da descoberta aurora
Hasteou as Quinas sanctas. Retiniam-me
Nos tremulos ouvidos os trabucos,
Que, a golpes crebros, as muralhas prostram
Do rico Ormuz, da prospera Malaca,
E da suberba Goa, emporio novo
Do novo imperio immenso. Ajoelhados
Via os Reis de Sião e de Narzinga
Aos pés do vencedor depôr os sceptros,
E render, supplicantes, vassallagem
Ao ferro lusitano. Os nobres muros
Vi de Diu estalar, saltar aos ares
Por infernal ardil; e entre as ruinas

Dos inflammados bastiões, — dispersos
Os palpitantes membros d'esse filho
Por quem não correm lagrimas paternas;
Não, que martyr da patria é morto o filho.

XVII

«D'esse pae venerando, — esse Fabricio (1)
Da lusitana historia, renovando
Sob-os arcos triumphaes da inclita Goa
Altas pompas de Roma, e altas virtudes
Que só geraram Lusitania e Roma, —
De Vasco, de Pacheco, de Albuquerque
Inflammavam n'um extasi de rapto
Meu peito portuguez memorias grandes.
Quem taes milagres d'heroismo e d'honra,
Quem tanta gloria a tão pequeno berço
Foi tão longe ganhar? Quem a um punhado
D'homens, á mais pequena nação do orbe
Deu mares a transpor, veredas novas
A descobrir na face do universo;
Povos a subjugar, Reis a humilhal-os,
Ignotos mundos a ajuntar ao velho,
E a dilatar-lhe a superficie, a terra!
Elles. — E a patria, por quem tanto hão feito,
Que digno premio lhes ha dado? — A fome
N'um hospital galardoou Pacheco;
A Albuquerque a deshonra ao pé da campa;

(1) D. João de Castro.

Castro a pobreza, que os soccorros ultimos
Sobre o leito da morte mendigava.

XVIII

«Ingrata — ingrata patria! Fatigado
Como de tanta gloria e tal vergonha,
Parei. Junto me achava então do templo (1)
Que a piedade e fortunas apregoa
De Manuel o feliz; padrão sagrado
De gloria e religião, esmero d'artes
Protegidas d'um Rei que soube o preço
— Alguma vez ao menos — ao talento,
Á lealdade, ao valor, ao patriotismo.
Nem sempre; mas tão pouco de virtude
Basta n'um Rei para esquecer-lhe os crimes?

XIX

«Aberta em par do templo estava a porta;
Entrei. Nas vivas telas animadas
Dos pinceis de Campello se pasciam (2)
Meus olhos admirados. Dei c'o tumulo
De custoso lavor que ahi resguarda
As cinzas do Monarcha afortunado,
Afortunado em vida; — a morte fecha-lhe
Sêllo do Eterno os labios descarnados:

(1) Convento de Belem.
(1) *Campello*, celebre pintor portuguez.

São segredos de Deus os do sepulchro.
Mais cansado que pio, ajoelhei-me
Sobre os degraus do tumulo; insensivel,
Ao recostado braço a frente inclino,
E descaí n'um languido deliquio,
Que nem morte, nem somno, mas olvido
Suavissimo é da vida. Somno embora
Lhe chamaria, se as vizões tão claras,
Mais rapto d'alma em extasi sublime
Que imagem vã de sonhos, as não visse.
Talvez seria natural effeito
De agitados sentidos; por ventura
Mui credulo serei: mais alta causa
Do phenomeno estranho então a tive.

XX

«Oh! sonho não foi esse.—Affigurou-se-me
Vêr do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente
Que mal embaça o lume das estrellas
Do puro azul dos céus: —foi pouco a pouco
Condensando-se espesso, e longes dava
De humana fórma irregular,—qual soem
Ao pôr do Sol phantasticas figuras
As nuvens debuxar pelo horisonte.
Logo mais certas, mais distinctas fórmas,
Qual molle cera em mãos d'habil artifice,
Tomando foi. Já claro ante mim era.
Roupas trajava alvissimas e longas:

Seus braços de extensão desmesurada;
Um sobre o peito c'o indice apontava
Ao coração que as vestes resplendentes
Transparecer deixavam. Viva chamma
Como a luz de carbunculo, brilhava
Na viscera patente; e em radiosas
Lettras lhe soletrei — *Amor da Patria.*

XXI

«Da maravilha como por encanto,
Sem receio ou terror a contemplava,
Quasi por tal prodigio enfeitiçado;
Quando estes sons entre aspero e suave
Mas solemnes ouvi: — «Joven ousado,
«Grande empreza te coube, — acerba gloria,
«De que não gozarás. Desgraças cruas
«Fadam teus dias... Mas a gloria ao cabo.
«A patria, que foi minha, que amei sempre,
«Que amo inda agora, gran serviço aguarda
«De ti. Um monumento, mais duravel
«Do que as molles do Egypto, erguer-lhe deves. (1)
«Pyramide será por onde os seculos
«Hão de passar de longe e respeitosos.
«Galardão, não o esperes. — Fui ingrato
«Eu, fui! Ingrato Rei, ingrato amigo.
«E a quem! — Maiores de meu sangue ainda

(1) *Molles do Egypto.* As pyramides perto da antiga Memphis.

«Ingratos nasceram. Tu serve a patria:
«É teu destino celebrar seu nome.
«Os homens não são dignos nem de ouvil-as,
«As queixas do infeliz. Segue ao Oriente,
«Salva do esquecimento essas ruinas,
«Que já meus netos de amontoar começam
«Nos campos, nos alcaceres de gloria,
«Preço de tanto sangue generoso.
«Um dia... — Em vão perante o excelso throno
«Do Eterno me hei prostrado; irrevogavel
«A sentença fatal tem de cumprir-se. —
«Um dia inda virá que, envilecido,
«Esquecido na terra, envergonhado
«O nome portuguez... — Opprobrio, magoa,
«Dura pena de crimes! — taboa unica
«Lhe darás tu para salvar-lhe a fama
«Do naufragio. Tu só dirás aos seculos,
«Aos povos, ás nações: *Alli foi Lysia.*
«Como o encerado rolo sobre as aguas
«Unico leva á praia o nome e a fama
«Do perdido baixel. — Parte. Salval-o!
«Salval-o, em quanto é tempo! — Extincto... infamia!
«Extincto Portugal.. Oh! dôr!...» Rompeu-lhe
O derradeiro accento d'estas vozes
Em som de pena tal e tão tremendo
De tão profunda magoa, que inda agora
Dos cortados ouvidos me ribomba.
Estremeci, olhei; já nada vejo:
Ou acordei ou a visão se fora.

CANTO X

Partida de D. Sebastião para Africa — Morte de Camões

IX

Já se movem as naus, e as altas pontes
Se eriçam de belligeras phalanges.
Redobra o pranto. — Ancora sobe, antenas
Se espandem... Lá te vás, e para sempre!
Nas pandas azas dos traidores ventos,
Independencia, liberdade e gloria.

X

«Que me resta j'agora?» os olhos longos
Para a frota que perde no horisonte,
Comsigo o vate diz: «O que me resta
Sobre a terra dos vivos? Um amigo,
Um amigo, neste arido deserto
Da vida, me fallece. Um bordão unico
A que me arrime na escabrosa senda,
Me não ficou. O numero está cheio

De meus dias, contados por desgraças,
Marcados, um por um, na pedra negra
De fado negro e mau. Posso eu acaso
Nos corações contar dos homens todos
Uma só pulsação que por mim seja?
Posso dizer...» Gemido, que ouve perto,
O interrompeu. Era o seu Jáu, que afflicto
O escutava. Do humilde e pobre escravo
O Coração fiel se retalhava
De ouvil-o assim queixar. «Ah! se eu não fôra.»
— Com os olhos e as lagrimas dizia;
Com os olhos, que os labios não ousavam —
«Ah! se eu não fôra um desgraçado escravo,
Que coração que eu tinha para dar-lhe!»

XI

Tu generoso amo, lhe entendeste
Seu fallar mudo, seu dizer de lagrimas.
— «Tens razão; injustiça é grande a minha:
Inda tenho um amigo.» — Pausa longa
Seguiu estas palavras; e no peito
Do generoso Antonio desafoga
O coração que lhe apertava a magoa;
Nos olhos, rasos de chorar ainda,
A alegria lhe ri por entre o pranto.
E o amo, a quem signaes de tanto affecto
Movem no intimo d'alma, sente um golpe
De balsamo cair-lhe sobre as chagas

Do coração lanhado: a dextra languida
Pousa no hombro fiel, o peito encosta
Sobre o peito leal do amigo... — Amigo,
Direi, amigo sim: peja-te o nome,
Orgulho do homem vão, por dado ao escravo?
O que és tu mais? — Era de ver, e digno
Espectaculo aonde se cravassem
Os olhos todos dessa raça abjecta
Que se diz de homens, a figura nobre
Do guerreiro, em que toda se debuxa
A altivez, a grandeza, a força d'animo,
D'um andrajoso, humilde e pobre escravo
Em attitude tal. Rira-se o mundo;
O homem de bem, de coração, chorara
. . . .

XIV

Sua pobre habitação os dous entraram;
E tristes horas, dias mezes passam
Arrastados e longos, — qual o tempo
Para infelizes anda — sem que a sorte
Mais ditosos os visse, ou a amizade
Menos unidos. — Mas o mão tremente,
Encarquilhada e sêcca já sobre elles
Ia estendendo a pallida indigencia;
E a fome... a fome alfim. — Clamor pequeno
Que de minhas endêchas tenue soa,
Se junte aos brados das canções eternas

Com que o teu nome, generoso Antonio,
Já pelo mundo engrandecido echoa.
Vêde-o, vae pelas sombras caridosas
Da noite, de vergonhas coitadora,
De porta em porta timido esmolando
Os chorados ceitis com que o mesquinho,
Escasso pão comprar. *Dai, Portuguezes,*
Dae esmola a Camões. Eternas fiquem
Estas do estranho bardo memorandas, (1)
Injuriosas palavras, para sempre
Em castigo e escarmento conservadas
Nos fastos das vergonhas portuguezas.

XV

Não póde mais o coração co'a a vida;
E lenta a morte c'o enfezado sangue
Caminho vem do peito. O espaço mede
Que lhe resta na arena da existencia;
Perto a barreira viu... Ahi jaz o tumulo.
Chegado é pois o dia do descanço!
Bem vindo sejas, hora de repouso.
Com a tremula mão tenteia as cordas
Daquella lyra onde troou a gloria,
Onde gemeu amor, carpiu saudade,
E a patria... —Oh! e que patria os Céus lhe deram
Offrendas recebeu de hymnos celestes:

(1) Mr. Raynouard, na sua ode a Camões.

Pela ultima vez as cordas fere,
E este adeus derradeiro á patria disse,
Cortando-lhe o alento enfraquecido
Agora os sons, agora a voz quebrada:

XVI

«Terra da minha patria! abre-me o seio
Da morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho...
Em que te hei desmer'cido, ó patria minha?
Não foi meu braço ao campo das batalhas
Segar-te louros? Meus sonoros hymnos
Não voaram por ti á eternidade?
E tu, mãe descaroavel, me engeitaste!
Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;
Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha patria, abre-me o seio.

XVII

«Vivi: que me ficou da vida, agora
Que baixo á sepultura? Não remorsos,
Vergonhas não. Para a corrida senda
Sem pejo os olhos de volver me é dado.
E tranquillo direi; vivi; — tranquillo
Direi: *morro*. Não dormem no jazigo
Os ossos do malvado? Não: continuo,

Na inquieta campa estão rangendo
Ao som das maldições, deixa de crimes,
Legado impio dos maus. Eu socegado
Na terra de meus paes hei de encostar-me...

XVIII

«Já me sinto ao limiar da eternidade:
Véu que ennubla, na vida, os olhos do homem,
Se adelgaça: rasgado, os seios me abre
Do escondido porvir... — Oh! qual te has feito,
Misero Portugal! — Oh! qual te vejo,
Infeliz patria! Serves tu, princeza,
Tu, senhora dos mares!... Que tyrannos
As aguas passam do Guadiana? A morte, (1)
A escravidão lhes traz ferros e sangue...
Para quem? Para ti, mesquinha Lysia.

XIV

«Que náus são essas, que ufanosas surcam
Pelo estreito do Gama? Pendões barbaros (2)

(1) O captiveiro castelhano de sessenta annos.
(2) Os Hollandezes, que no tempo do dominio dos Hespanhoes se apoderaram da maior parte das nossas conquistas da America, e Oceania.

Varrem o Oceano, que pasmado busca,
Em vão! nas poppas descobrir as quinas.
Em vão! da hastea da lança escalavrada
Roto o estandarte cáe dos Portuguezes.

XX

«Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar
Da gloria lusitana... Uma faisca,
Esquecida a tyrannos, lá scintilla:
Mas quão debil que vens, sopro de vida!
Um só momento com vigor no peito
O coração te pulsa. Exangue, enferma
Só te ergues d'esse leito de miseria
Para cair, desfallecer de novo.

XXI

«Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?
Onde, a que mares? Já teu nome ignora
Neptuno, que tremeu de outr'ora ouvil-o.
Suberbo Tejo, nem padrão ao menos
Ficará de tua gloria? Nem herdeiro
De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio: não se acabe
A lingua, o nome portuguez na terra.
Prole de Lusos, peja-vos o nome

De Lusitanos? Que fazeis? se extincto
O paterno cazal caír de todo,
Ingratos filhos, a memoria antiga
Não guardareis do patrio, honrado nome?

XXII

«Ah! patria! oh! minha patria!...» A voz que affrouxa,
Interromperam sons desconhecidos
De voz de estranho, que na estancia humilde
Entra do vate. — «Perdoae, se ousado
Entrei, senhor, mas...» — Quem sois vós? Ha inda
Homem no mundo que a pousada obscura
D'um moribundo saiba?» — «Cavalleiro.
Desde o alvor da manhã que vos procuro:
Da Africa hoje cheguei ... » — Ah! perdoaeme.
«Sois vós, Conde? Voltastes? E que novas
Me trazeis? » — «Tristes novas, Cavalleiro.
Ai! tristes. Desta carta, que vos trago,
Sabereis tudo.» Ao vate a carta entrega:
Do missionario era, que dos carceres
De Fez a escreve. Saudoso e triste,
Mas resignado e placido, lhe manda
Consolações, palavras de brandura,
De allivio e de esperança. — «Extincto é tudo
Nesta Mansão de lagrimas e dôres;
— As lettras dizem — tudo; mas a patria
Da eternidade, só a perde o impio.
Deus e a virtude restam; consolae-vos...»

XXIII

«Oh! consolar-me!» exclama, e das mãos tremulas
A epistola fatal lhe cae: «Perdido
É tudo pois!...» Do peito a voz lhe fica;
E de tamanho golpe amortecido
Inclina a frente, e como se passara,
Fecha languidamente os olhos tristes.
Anciado o nobre conde se approxima
Do leito.... Ai! tarde vens, auxilio do homem.
Os olhos turvos para o Céu levanta;
E já no arranco extremo.—*Patria ao menos*
Juntos morremos...E expirou co'a patria.

Obras de João Baptista de Almeida Garret, Lisboa, 1839. Tomo 1.º, pag. 64 e 197.

CAMÕES

ODE

I

Vós, que as prais brilhais do Tejo aurifero,
Regei meu passo incerto,
No tributar meu pio rendimento
Ao Luso feliz Vate.
Mostrai-me o augusto sitio, em que repousa
Quem troou facção inclyta:
Veja eu as honras, veja os grandes premios...
Que ingrata indifferença!
Dais á penuria, dais ao soffrimento
O Portuguez Homero?

II

A não pôr elle os pés sobre o infortunio,
Pobreza houvera-lhe hórrida
Apurado a constancia; houvera-o, barbaros!
Atro cuidado, e penas.
No amargo desamparo, que lhe fica?
Só caridosa dextra,
(Caridosa e não Lusa!) que nocturna,
Esmola (1) o pão mesquinho
Que tem de apascentar, no sol vindouro,
O Escravo leal e o Amo.

III

Se o caro nome teu não poude o Vate
Illustrar no seu metro,
No meu te hei pôr segura, alta lembrança
De grão renome, Antonio.
Sabe, que esse sublime sacrificio
Tem de achar nos meus hymnos,
Echo fiel, oh! Servidor magnanimo,
Nos devolvendos séculos,
Pregoando, que ennobrece esse teu zêlo
Da mendiguez o opprobrio.

(1) Temos o verbo esmolar na significação de pedir esmola.

IV

Pudico zêlo, que com voz submissa
Pede á piedade publica,
Com nocturno recato, o que alto dia
Cumpria aos reis pagarem.
Oh! não te encubras. Olha a Belisario,
No marcio capacête
A esmola receber, nobre penuria
Sem pejo assoalhando.
Louros, palmas colhêra em cem victorias,
Eil-o cego e mendigo.

V

Oh! piza ufano a triumphal Lisboa
De Phêbo ao claro lume;
Impõe tributo ao povo, impõe-no á Corte
Tão raro Ingenho o cobre. (1)
Co' Poema nobre em mãos, mais atrevido
Que o vate mesmo, os peitos
Dos cidadãos abala: vê quão briosos
Se pejam, se envergonham
Da voz terrivel que pedio, na treva,
Para Camões esmola.

(1) Arrecade.

VI

Oh não! Que elle rival de Homero, e herdeiro
De seu mendigo Fado,
Calar sabe, soffrido, e sorve inteira
A taça das desditas.
Serodeo premio, a illustre offensa o houvera,
Que perdões escasséa.
Deixai-lhe o pundonor brioso, e irado
Consolar-se em si mesmo
No conceito que á Patria sagrou tudo,
Tudo sagrou a engratos.

VII

Escutai, escutai. Camões vos falla:
«Digno emblema a mim proprio
«Não dei, dos meus Heroes meus altos feitos,
«Consolador emblema?
«Par'avidos colher d'Eóo tributos,
«Que a Foz de Tejo acceita,
«Bastara a Valentia? Não. Faltava
«Constancia, que blazona
«Luctar arca por arca, c'o infortunio,
«E luctando atterral-o.

VIII

«O Gigante do Cabo Tormentorio
«Entona a fronte ao vêl-os, (1)
«Medra em vulto, devolve sobranceiro.
«Monstruoso corpo livido;
«Co'a dextra as nuvens préme, donde rompam
«Seguidas tempestades,
«Estalem os trovões, raios fuzilem;
«Recalca com a esquerda
«Cavadas ondas, que lhe, á vista, rasguem
«Do abysmo as profundezas.

IX

«E diz raivoso: —Oh Nautas temerarios,
— Virai de vélas subito;
— Que eu sou quem puz travezes neste passo,
—Puz-lhe os roncos dos p'rigos (2)—

(1) O Gama, e os Heroes, que o acompanhavam.
(2) O mar empolado com a tormenta, que com os roncos assusta, e ameaça perigos. Tem seu atrevimento a phrase: mas vou-me com Plinio Junior, *epist.* 9. Mais ameudado (diz elle) cahe quem corre que quem de gatinhas vai: tal qual gabo porém se dá aos que cahiram, nenhum aos que não cahem.

«Mas Gama, e seus Heroes já lá avistaram,
«Raiar no cimo (1) a gloria,
«Que tem de alardeal-os no Universo.
«Magnanimos Guerreiros
«Affrontam raios, e transpondo abysmos,
«O azul tridente roubam.

X

«Quem não applaude, n'este quadro, o intrépido
«Que denodado rompe
«O travéz, que lhe embarga o passo franco
«Ao póstore renome?
«Se novas sendas tenta a colher fouto
«Immortaes palmas, logo
«Traça a ignorancia, a Inveja castigar-lhe
«A proficua ousadia.
«Avexam-no? — Elle nobre (2) se abalança
«Ao gremio do futuro.

XI

«Não 'spereis, que elle frouxo se lastime
«Nem de homens, nem dos Fados.

(1) Do Promontorio.
(2) Nobremente.

«Nelle desdem não punge, nem desprezo
«Vosso: lançou elle a ancora
«De esperança. Se Inveja inexoravel,
«De que o insultou se ufana,
«Elle contempla que a expiar o lançam
«Culpas de Heroe virtuoso;
«Fita a gloria immortal, que o aguarda, e olvida
Murmurar contra a Inveja.

XII

«Que nos vale esse obsequio vão, do povo
«Tonto na affeição sua?
«Que, a revezes dá cultos, dá desprezos,
«Á imagem nossa? Ouçamos
«O que o instincto magnanimo nos clama.
«Quão longa e nobre estima
«Em era, em Climas ignotos, nos espera.
«Condemnam-nos? Desdenham-nos?
«Profano é tudo aqui? — Mais nossos nomes
«Serão, por lá, sagrados.

XIII

Poz fim Camões. Contemplo com respeito
O Heroe de adversos Fados,
Que exemplo de soffrer com dignidade
Em si brioso o ostenta.

Vós, Talentos, que ultraja a sorte injusta,
Ou de homens a ignorancia,
Mirai-vos n'esse brio, e firmes sêde
Na lucta nobre: — Vivos,
Se perseguidos sois; na Era vindoura,
Mortos, vos erguem aras.

Esta ode, que o meu amigo Constancio me pediu que mui breve lh'a traduzisse, dous dias n'ella, trabalhei d'affogadilho.

(Traduzido do francez).

Filinto Elysio.

Strophes 7 e 8 da traducção da Ode original primitiva

VII

Escutai, escutai. Camões vos falla,
«Quando eu, de invejosos,
«Ingratos Lusos, illustrei a Patria
«Na gloria o fito punha,

«Não em vós. Hoje soffro, mas seguro,
«Que, um dia, hão vossos Netos
«Contra o descuido vosso arrojar iras.
«Soffro, mas com tal brio,
«Que o arrosta a gloria minha; e, em vós o ultraje
«Minha virtude o escusa.

VIII

«Não dei, dos meus Heróes, nos altos feitos.
«Digno emblema a mim proprio?
«Consolador emblema? cabal premio
«Do engenho, e seus lavores.
«Par'avidos colher d'Eóo tributos,
«Que a Foz do Tejo acceita,
«Bastará a Valentia? Não. Faltava
«Constancia que blazona
«Luctar arca por arca, c'o infortunio,
«E luctando aterral-o.

(Traduzido do francez).

Filinto Elysio.

TASSO A CAMÕES

SONETO

Vasco, le cui felice ardite antenne
Incontro al sol, che ne riporta il giorno,
Spiegar le vele, e fer colà ritorno
Dov'egli par che di cader accenne;

Non più di te per aspro mar sostenne
Quel, che fece al Ciclope ultraggio e scorno;
Nè chi turbò l'Arpie nel suo soggiorno,
Nè diè più bel subietto a colte penne.

Ed or quella del colto e buon Luigi
Tant'oltre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni andar men lungi.

Ond'a quelli, a cui s'alza il nostro Polo,
Ed a chi ferma incontra i süoi vestigi
Per lui del corso tuo la fama giunge.

FIM.